



Conhecê-lo e
conhecer-se

Diego Zalbidea

CONHECÊ-LO E CONHECER-SE

www.opusdei.org

Índice

- Conhecê-lo e conhecer-se (1): Roubar o coração de Cristo
- Conhecê-lo e conhecer-se (2): Dos lábios de Jesus
- Conhecê-lo e conhecer-se (3): Na companhia dos santos
- Conhecê-lo e conhecer-te (4): Quando sabemos colocar-nos à escuta
- Conhecê-Lo e conhecer-se (5): Como Deus fala conosco
- Conhecê-lo e conhecer-se (6): Deus fala conosco com palavras e obras
- Conhecê-lo e conhecer-se (7): Procurando a conexão
- Conhecê-lo e conhecer-se (8): No tempo oportuno
- Conhecê-lo e conhecer-se (9): Não tenhas medo, eu estou aqui
- Conhecê-lo e conhecer-se (10): Jesus está muito perto
- Conhecê-lo e conhecer-se (11): Vocês são uma carta de Cristo
- Conhecê-lo e conhecer-se (12): Almas de oração litúrgica
- Conhecê-lo e conhecer-se (13): Não refletimos, olhamos!

Conhecê-lo e conhecer-se (1): Roubar o coração de Cristo

Fora das muralhas de Jerusalém, um pouco depois do meio dia, três homens foram crucificados sobre o Monte Calvário. Era a primeira Sexta-Feira Santa da história. Dois deles eram ladrões; o terceiro, pelo contrário, era o único homem absolutamente inocente: era o Filho de Deus. Um dos bandidos, apesar do seu intenso sofrimento e do seu esgotamento físico, animou-se a travar uma brevíssima conversa com Cristo. Suas palavras cheias de humildade – “lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino!” (Lc 23,42) – mereceram que o próprio Deus feito homem lhe assegurasse que em poucas horas estaria no paraíso. São Josemaria se comoveu muitas vezes com a atitude daquele *bom ladrão* que “com uma palavra roubou o coração a Cristo e *abriu para si* as portas do Céu”[1]. A oração poderia ser definida assim: uma palavra que rouba o coração de Jesus e nos faz viver, a partir desse momento, junto d’Ele.

Dois diálogos na cruz

Nós também desejamos que a nossa oração, como aquela do bom ladrão, a quem a tradição dá o nome de Dimas, seja cheia de frutos. Gostamos de sonhar com a enorme transformação das nossas vidas que o diálogo com Deus pode realizar. Roubar o coração é conquistar, apaixonar, entusiasmar. *Rouba-se* porque não se merece receber tanto carinho. *Assalta-se* o que não é propriedade, mas se deseja. A oração se assenta sobre algo tão simples – embora não seja pouco – quanto aprender a acolher semelhante dom em nossos corações, deixando-nos acompanhar por Jesus, que nunca impõe as suas dádivas, nem a sua graça, nem o seu amor.

Junto com Dimas, também num lenho sobre o Calvário, estava o seu companheiro de tormento. É contrastante a repreensão que este segundo dirige a Jesus: “Tu não és o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!” (Lc 23,39). São palavras que caem como um balde de água fria. Qual a diferença entre esses dois *diálogos*? Ambos falaram com Jesus, mas só Dimas acolheu o que o Mestre tinha preparado para lhe oferecer. Deu o seu último e melhor *golpe*: o pedido para ficar, pelo menos, na memória de Cristo. Seu companheiro, por outro lado, não abriu o seu coração com humildade a quem queria livrá-lo do seu passado e oferecer-lhe um tesouro inigualável. Exigiu o seu direito de ser ouvido e salvo; enfrentou a aparente ingenuidade de Jesus e o censurou pela sua também aparente passividade. Pode ser que sempre tenha *roubado* assim: considerando que recuperava o que já lhe pertencia. Dimas, por outro lado, sabia que não merecia nada e essa atitude foi capaz de abrir o cofre do amor de Deus. Soube reconhecer Deus como realmente é: um Pai entregue a cada um de seus filhos.

Diante desses dois possíveis *diálogos* que encontramos no evangelho, podemos compreender que o Senhor conta com a nossa liberdade para nos fazer felizes. E também que nem sempre é fácil deixar-se amar. A oração pode ser uma ótima maneira de descobrir o que Jesus sente, pensa e quer. A vida divina em nós é um

dom. A oração, nesse sentido, é um canal pelo qual transborda o amor que Deus quer nos oferecer, um convite inesperado para ganharmos a verdadeira vida de outra forma.

Para abrir as portas do céu

São Josemaria recordava-nos que Deus “quis correr o risco da nossa liberdade” [2]. Uma boa maneira de agradecermos poderia ser abrindo-nos à sua. Inclusive podemos dizer que, neste segundo caso, não corremos nenhum risco; pode existir apenas uma aparência de perigo, já que temos tudo a ganhar: a garantia da sua promessa são os pregos que ardem de amor por nós. Observando as coisas deste ponto de vista, compreendemos o absurdo que pode vir a ser resistirmos à vontade de Deus, apesar de vermos que isso ocorre com frequência. O que acontece é que “agora nós vemos num espelho, confusamente; mas, então, veremos face a face. Agora, conheço apenas em parte, mas, então, conhecerei completamente, como sou conhecido” (1Cor 13,12). São Paulo nos diz: para nos conhecermos não há melhor caminho do que olhar a partir de Cristo, contemplar a nossa vida através dos seus olhos.

Dimas compreende isso e não tem medo do abismo que se abre entre a bondade de Jesus e os seus erros pessoais. Reconhece o rei do mundo no rosto humilhado e desfigurado de Cristo; nos olhos que o contemplam com ternura, devolvem-lhe a dignidade e, de uma estranha maneira, lembram a ele que é amado acima de todas as coisas. É verdade que pode parecer muito fácil o *final feliz* da história do bom ladrão. Mas nunca conheceremos o drama da conversão que o seu coração vivenciou naqueles momentos, nem a preparação que certamente a fez possível.

Abrir-se a um carinho tão grande é como descobrir que a oração é um dom, um caminho privilegiado para acolher o afeto de um coração que não conhece medidas nem cálculos. Dá-nos uma vida diferente, mais plena, muito mais feliz e com mais sentido. O Papa Francisco diz assim: “rezando, *abrimos o jogo* a Ele, damos-Lhe lugar para que Ele possa agir, possa entrar e possa vencer”[3]. É Deus quem nos transformará, é o próprio Deus quem nos acompanhará, é Ele quem fará tudo; só precisa que *abramos o jogo* para Ele. É aqui que entra a nossa liberdade, ganha precisamente nessa cruz de Cristo.

A oração nos ajuda a compreender que “quando Ele pede alguma coisa, na realidade está oferecendo um dom. Não somos nós que lhe fazemos um favor: é Deus quem ilumina a nossa vida, enchendo-a de sentido”[4]. É precisamente isso o que rouba o seu coração: a porta aberta da nossa vida que se deixa fazer, que se deixa amar, transformar, que anseia corresponder, mesmo que não saiba muito bem como fazê-lo. “Provai e vede como o Senhor é bom” (Sl 34,9). Estas poucas palavras resumem o caminho que nos leva a ser almas de oração, “porque se não conhecemos que recebemos, não nos despertamos para amar”[5]. Quando foi a última vez que dissemos ao Senhor como Ele é bom? Com que frequência paramos para considerar essa realidade e *saboreá-la*?

Por isso, o assombro é parte essencial da nossa vida de oração: a admiração diante de um prodígio que não cabe nos nossos parâmetros. Isso nos leva a repetir com frequência: “como você é grande, como você é belo, e como você é bom! E eu, como sou bobo, ao pretender entendê-lo. Que pouca coisa você seria, se coubesse

na minha cabeça! Cabe no meu coração, o que não é pouco”[6]. Louvar a Deus nos situa na verdade da nossa relação com Cristo, diminui o peso das nossas preocupações e abre-nos panoramas que não tínhamos previsto antes. São as consequências de ter *corrido o risco* de nos entregarmos à liberdade de Deus.

Infinitas maneiras de orar

Quando são Josemaria estava no México, durante um dos encontros que teve, quis relatar um caso. Contou que um filho seu, filósofo profissional, recebeu inesperadamente o encargo de trabalhar nas empresas da sua família: “quando me falou de negócios, fiquei olhando para ele, comecei a rir e disse: negócios? O dinheiro que você ganhar, coloque aqui, na palma da minha mão, que ainda vai sobrar espaço”. Os anos passaram, voltou a encontrar com ele e disse: “Aqui está a minha mão. Não falei para você colocar aqui o que ganhasse? Ele se levantou e, diante da expectativa de todos, beijou a palma da minha mão. E disse: pronto. Deilhe um abraço e respondi: você me pagou a mais. Vai, ladrão, que Deus te abençoe!”[7].

Na oração, podemos bem colocar um *beijo* na mão de Deus; entregar-lhe o nosso carinho, como um tesouro, já que não temos outra coisa. Para algumas pessoas, bastará um gesto como este, dirigido ao Senhor, para se acender numa oração de afetos e propósitos. Para essas pessoas, um olhar pode ser muito mais expressivo do que mil palavras. Gostariam de tocar em tudo o que se refere a Deus. Curtiriam sentir a brisa da praia da Galiléia durante esse encontro com o Senhor. Os sentidos se dispararam e a proximidade com Jesus torna possível essas sensações que enchem o coração de paz e de alegria. Imediatamente, essa alegria precisa ser compartilhada e a missão se converte em abrir os braços como Cristo para abraçar o mundo inteiro e salvá-lo com Ele.

Mas existem infinitas formas de orar, tantas quanto pessoas. Outros, por exemplo, buscam simplesmente ouvir algumas palavras de consolo. Jesus não economiza palavras de admiração para aqueles que necessitam: “este é um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade” (Jo 1,47). Se abirmos nosso coração, Ele também vai nos dizer palavras assim. Ninguém pronunciou palavras de amor como as suas. E ninguém as disse com tanta graça e com tanta verdade. Quando as ouvimos, o amor que recebemos fica nos nossos olhos. Aprendemos assim a olhar com Deus. Vislumbramos, desta maneira, o que cada amigo ou amiga seria capaz de fazer se se deixasse acompanhar pela graça.

Também há pessoas que desfrutam servindo os outros, como Marta, a amiga do Senhor que morava em Betânia. Quando o evangelho nos conta que Jesus foi visitá-la, não disse para Marta se sentar, e sim a convidou a descobrir o único necessário (cfr. Lc 10,42) no meio das coisas que fazia. Para as pessoas que são parecidas com Marta pode confortar pensar, enquanto fazem oração, que Deus atua por meio delas para levar muitas almas ao céu. Gostam de preencher a sua oração com rostos e nomes de pessoas concretas. Precisam se convencer de que são corredoras com tudo o que fazem. De fato, se Maria pôde escolher “a melhor parte” é justamente porque Marta servia; para ela bastava saber que aqueles que a rodeavam estavam felizes.

Outras pessoas, por sua vez, estão mais inclinadas aos pequenos detalhes, aos

presentes, mesmo que de pouco valor. É a manifestação de um coração que não deixa de pensar nos outros e sempre encontra na vida algo que se refere aos seus entes queridos. Pode ser que ajude a estas aprender a descobrir todos os dons que Deus semeou em sua vida. “A oração, precisamente porque se alimenta do dom de Deus que se derrama na nossa vida, deveria ser sempre rica de memória”[8]. Também podem entusiasmar-se com a possibilidade de *surpreender* a Deus com mil detalhes minúsculos. O fator surpresa é muito importante para essas pessoas, e para elas não é difícil adivinhar o que fascina o Senhor. Ainda que seja um mistério, até as menores coisas encham o Senhor de agradecimento e fazem os seus olhos brilharem. Cada alma que procuramos aproximar do seu amor – como a de Dimas nos seus últimos momentos – rouba outra vez o seu coração.

Sem a pretensão de limitar todas as possibilidades a esquemas prévios, também existem as almas que precisam de gastar tempo com quem amam. Podem gostar, por exemplo, de consolar Jesus. Todo o tempo *gasto* com quem amam parece pouco. Para notar o carinho de Deus, pode ajudar pensar em Nicodemos que era recebido por Jesus noite adentro, na intimidade de um lar, muito dado a confidências. Precisamente por esse tempo compartilhado, Nicodemos será capaz de “dar a cara” nos momentos mais difíceis e estar perto de Cristo quando os outros estão com muito medo.

Às vezes pensamos que conhecer-nos é identificar os nossos erros: isso é verdade, mas não é a verdade completa. Conhecer a fundo o nosso coração e os nossos desejos mais íntimos é fundamental para poder ouvir a Deus, para deixarmo-nos preencher pelo seu amor.

A conversa entre Jesus e o bom ladrão foi breve, mas intensa. Dimas descobriu que havia uma fenda neste grande coração inocente de Cristo: uma forma fácil de *O assaltar*. A vontade de Deus, tantas vezes escura e dolorosa, iluminou-se e se ilumina com o pedido humilde do bandido. O seu único desejo é que sejamos felizes, muito felizes, os mais felizes do mundo. O bom ladrão entrou por essa fissura e apoderou-se do maior tesouro. A Virgem Maria foi testemunha de como Dimas defendeu o seu Filho. Talvez, com um olhar, tenha pedido a Jesus que o salvasse. E Cristo, incapaz de negar nada à sua Mãe, disse: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso” (Lc 23,43).

Diego Zalbidea

[1] São Josemaria, *Via Sacra*, 12^a estação, ponto 4.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 113.

[3] Papa Francisco, *Christus vivit*, n. 155.

[4] F. Ocáriz, *Luz para ver, força para querer*, Texto publicado no jornal “O São Paulo”, página 16, edição 3218.

[5] Santa Teresa de Jesus, *Vida*, 10, 3.

[6] São Josemaria, anotações da pregação, 9-VI-1974; em volumes de “*Catequesis*” 1974/1, p. 386 (AGP, biblioteca, P04).

[7] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 27-XI-1972; em “*Dos meses de catequesis*” 1972, vol. II, p. 616 (AGP, biblioteca, P04).

[8] Papa Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 153.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (2): Dos lábios de Jesus

Os primeiros discípulos de Jesus viviam permanentemente fascinados e surpreendidos pelo seu Mestre: Ele ensinava com autoridade, os demônios se submetiam a Ele, afirmava que tinha o poder de perdoar os pecados, fazia milagres para que não tivessem dúvidas ... Devia haver algum mistério por trás de um homem tão surpreendente. Um daqueles dias, ao amanhecer, quando eles estão prestes a começar outra árdua jornada, os discípulos não encontram Jesus. Saem de casa preocupados e percorrem a pequena cidade de Cafarnaum. Jesus não aparece. Finalmente, numa encosta com vista para o lago, eles O descobrem ... rezando! (Cf. Mc 1, 35).

O evangelista nos leva a pensar que a princípio eles não o entenderam, mas imediatamente puderam comprovar que o episódio de Cafarnaum não era um evento isolado. A oração fazia parte da vida do Mestre tanto quanto a pregação, a atenção às necessidades ou ao descanso das pessoas. Todas essas atividades lhes pareciam compreensíveis e até admiráveis, mas aqueles momentos de silêncio os fascinavam, embora não os entendessem totalmente. Somente depois de um tempo com o Mestre eles ousaram pedir: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos” (Lc 11, 1).

Non multa...

Conhecemos a resposta de Jesus a esse pedido: a oração do Pai-nosso. E poderíamos pensar que os discípulos devem ter se decepcionado: só essas palavras? Era isso que o Mestre fazia durante longas horas? Ele sempre repetia o mesmo? Podemos até imaginar que a resposta de Jesus deve ter parecido insuficiente para eles. Gostariam que Jesus continuasse ensinando-lhes. Nesse sentido, o Evangelho de São Mateus – ao contrário do de São Lucas – pode nos dar mais luzes, já que coloca o ensino do Pai Nosso no contexto do Sermão da Montanha: ali Jesus tinha destacado as principais condições da oração, do verdadeiro relacionamento com Deus. Quais são essas condições?

A primeira é a retidão de intenção: trata-se de dirigir-se a Deus por Deus, não por outras razões. Certamente, não para sermos vistos, nem para aparentar uma bondade que nos falta (cf. Mt 6, 5). Dirigir-nos a Deus porque Ele é um ser pessoal, que não deve ser instrumentalizado. Ele nos deu tudo o que possuímos, existimos por seu amor, tornou-nos seus filhos, cuida de nós com ternura e entregou a sua própria vida para nos salvar. Ele não merece nossa atenção somente, nem principalmente, porque pode conseguir coisas para nós. Ele a merece ... porque é Ele! São João Paulo II, quando ainda era bispo de Cracóvia, lembrava aos jovens: “Por que todas as pessoas rezam (cristãos, muçulmanos, budistas, pagãos)? Por que rezam? Por que rezam inclusive aqueles que acreditam não rezar? A resposta é muito simples. Eu rezo porque Deus existe. Eu sei que Deus existe. É por isso que eu rezo”[1].

A segunda é a confiança: dirigimos o nosso olhar para aquele que é o Pai, *Abba*. Deus não é um ser distante, nem um inimigo do homem, que deve deixá-Lo sempre contente, apaziguando assim constantemente a sua ira ou as suas exigências. Ele é o pai que se preocupa com os seus filhos, sabe do que eles precisam, dá-lhes o que lhes é mais conveniente (cf. *Mt 6, 8*), que “tem suas delícias em estar com eles” (cf. *Prov 8, 31*).

Assim, entendemos melhor a terceira das condições da oração, que é introduzida pela revelação do Pai-nosso: *não usar demasiadas palavras* (cf. *Mt 6, 7*). Dessa forma, podemos experimentar o que nos lembrava o Papa Francisco: “Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos!”[2] Muitas palavras podem atordoar-nos e desviar a nossa atenção. Então, em vez de olhar para Deus e descansar no Seu amor, existe o perigo de acabarmos prisioneiros das nossas necessidades urgentes, das nossas angústias ou dos nossos projetos. Ou seja, podemos acabar fechados, sem que a oração nos abra realmente para Deus e para o seu amor transformador.

Há um ditado latino, *non multa, sed multum*[3], que São Josemaria usava para se referir à maneira de estudar, pois lembra a importância de não nos dispersarmos em muitas coisas – *non multa* – mas de aprofundar no essencial – *sed multum*. Este é um conselho que também serve para entender o ensinamento de Jesus sobre a oração. O Pai-nosso, em sua brevidade, não é uma lição *decepcionante*, mas uma autêntica revelação de como é possível a verdadeira *conexão* com Deus.

... *sed multum*

“No entardecer examinar-te-ão no amor. Aprende a amar como Deus quer ser amado e não olhes a tua condição”[4]. Estas palavras de São João da Cruz nos lembram que amar significa entrar em sintonia com o outro, adivinhar os seus gostos e ficar feliz em satisfazê-los, aprender – às vezes com certo sofrimento – que a nossa boa intenção não é suficiente, mas que é necessário aprender a *acertar*.

Como conseguiremos acertar para amar a Deus? Como conheceremos os seus gostos? O livro de Jó manifesta essa dificuldade quando, no final, humildemente diz: “vou perguntar-te e tu responderás!” (Jó 42, 4). Trata-se da mesma petição que, séculos depois, os discípulos dirigiram a Jesus: “Ensina-nos a rezar”. Aprender a rezar não é, pois, simplesmente uma questão de *técnica* ou de *método*. Acima de tudo, é abertura a um Deus que nos manifestou o seu verdadeiro rosto e que abriu para nós a intimidade do seu coração. Somente conhecendo o que Deus abriga no seu coração poderemos orar verdadeiramente, poderemos amá-lo como Ele quer ser amado. E, à luz desse conhecimento, *mudar* a nossa oração, aprender a rezar da melhor maneira.

O Pai-nosso é, pois, a grande instrução de Jesus para que possamos sintonizar com o coração do Pai. Por isso se falou do caráter *performativo* desta oração: são palavras que realizam em nós aquilo que significam, são palavras que nos mudam. Não são apenas frases para serem repetidas: são palavras que educam o nosso coração, ensinam ele a bater com as batidas de amor que agradarão o nosso Pai do céu.

Dizer *Pai e nosso* me situa existencialmente na relação que configura a minha vida. Repetir “*seja feita a vossa vontade*” me ensina a amar os planos de Deus e recitar “*perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*”, me ajuda a ter um coração mais misericordioso com os outros. “As palavras servem para nos estimular e fazer compreender melhor o que pedimos; não pensemos que são necessárias para informar o Senhor ou forçar a sua vontade”[5]. Recitando esta oração, aprendemos a dirigir-nos a Deus enfatizando o que é verdadeiramente importante.

Meditar nos diferentes pedidos do Pai-nosso, talvez com a ajuda de alguns dos grandes comentários antigos – o de São Cipriano ou o de São Tomás[6] – ou outros mais recentes, como o Catecismo da Igreja Católica, pode ser uma boa maneira de começar a renovar a nossa vida de oração e, assim, viver mais intensamente a história de amor que a nossa vida tem que ser.

Com palavras inspiradas

Os discípulos, testemunhas da oração de Jesus, também viram que Ele se dirigia a seu Pai em muitas ocasiões com palavras dos salmos. Foi assim que Ele aprendeu com a sua mãe e com São José. Os salmos alimentaram as suas orações até no momento supremo do seu sacrifício na cruz: “*Eli, Eli, lammá sabactáni?*” diz o primeiro verso do Salmo 22 em aramaico, como Jesus pronunciou no momento em que a nossa redenção foi consumada. São Mateus também registra que, na Última Ceia, “Depois de cantarem o salmo, saíram para o Monte das Oliveiras” (Mt 26, 30). Que hinos são esses com os quais o próprio Cristo rezava?

Durante a ceia pascal, os judeus bebiam quatro taças de vinho, que representavam as quatro promessas da bênção de Deus para o seu povo quando foram libertados do Egito: “Eu vos tirarei (...), vos libertarei (...) e vos resgatarei (...). Eu vos tomarei (...)” (Êx 6, 6-7). Bebiam em quatro momentos diferentes durante a refeição. Ao mesmo tempo, cantavam os hinos de *Hallel*, assim chamados porque Eles começam com a palavra “*hallel*” (“aleluia”)[7]. Certamente Jesus recitou todos os hinos cheio de agradecimento e louvando a Deus, seu Pai, como um verdadeiro israelita, consciente da natureza inspirada dessas orações, que condensam tanto a história de amor de Deus por seu povo quanto as atitudes próprias do coração do ser humano diante de um Deus cada vez mais admirável: o louvor, a adoração, a súplica, o pedido de perdão ...

Não é de estranhar, então, que os primeiros cristãos seguissem esse modo de rezar de Jesus, também apoiados no conselho de São Paulo: “enchei-vos do Espírito: entoai juntos salmos, hinos e cânticos espirituais; cantai e salmodiai ao Senhor, de todo o coração; sempre e por todas as coisas, no nome de nosso Senhor Jesus Cristo, rendei graças a Deus que é Pai” (Ef 5, 19-20). Como as palavras do Pai-nosso, as palavras dos salmos educavam os seus corações, abrindo-os para um autêntico relacionamento com Deus. Eles descobriam, com espanto e agradecimento, como esses versículos sempre tinham prefigurado a vida de Cristo. E, acima de tudo, entendiam que o seu coração de verdadeiro homem era o que melhor tinha sabido sentir como próprios os louvores, petições e súplicas contidas neles. Desde então, “rezados por Cristo e n’Ele realizados, os salmos são um elemento essencial e permanente da oração da sua Igreja. Adaptam-se aos homens de qualquer condição e de todos os tempos”[8]. Também nós

encontraremos neles “alimento sólido” (cf. Hb 5, 12) para a nossa oração.

E não apenas os salmos. A estes logo se uniram diferentes composições – “hinos e cânticos espirituais” – para louvar ao Deus três vezes santo, que lhes havia sido revelado como uma comunhão de pessoas, Pai, Filho e Espírito. Assim começou a elaboração das orações que seriam usadas na liturgia ou que alimentariam a piedade fora dela. O objetivo era nos ajudar a dirigir-nos a Deus com palavras apropriadas que expressassem a nossa fé nele. Essas orações, fruto do amor da Igreja pelo seu Senhor, também constituem um tesouro em que podemos educar nosso coração. É por isso que são Josemaria escreveu: “A tua oração deve ser litúrgica. – Oxalá te afeições a recitar os salmos e as orações do missal, em vez de orações privadas ou particulares”[9].

Sob o sopro do Espírito Santo

Todos nós aprendemos estudando textos escritos. Por isso podemos entender que foram as palavras do Pai-nosso, dos salmos ou de outras orações da Igreja que nos educaram em nosso relacionamento com Deus, embora até agora não tivéssemos pensado assim. Contudo, a palavra de Deus tem uma característica própria: é viva e, por isso, pode trazer novidades inesperadas. A carta aos Hebreus nos lembra que “a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes. Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Julga os pensamentos e as intenções do coração” (Hb 4, 12).

Por isso, as mesmas palavras, consideradas repetidamente, nem sempre soam da mesma maneira. Às vezes, novos horizontes se abrem diante dos nossos olhos, sem saber explicar muito bem o porquê: é a ação do Espírito Santo que fala dentro de nós. Santo Agostinho explicava com precisão: “O som de nossas palavras golpeia seus ouvidos, mas o mestre está dentro (...). Querem uma prova, irmãos? Acaso não ouviram todos este sermão? Quantos não sairão daqui sem ter aprendido nada! No que de mim depende, eu falei com todos, mas aqueles a quem a Unção não fala interiormente, aos que o Espírito Santo não ensina interiormente, retornam com a mesma ignorância”[10].

Percebemos assim a estreita relação entre o Espírito Santo, a palavra inspirada e a nossa vida de oração. Com razão a Igreja o invoca como o “Mestre”, que educa o nosso coração com as palavras que o próprio Jesus nos ensinou, fazendo-nos descobrir nelas horizontes sempre novos, conhecer melhor a Deus e amá-lo cada dia mais.

“Maria, porém, guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2, 19). A oração de nossa Mãe se nutria da sua própria vida e da meditação assídua da Palavra de Deus. Ali encontrava luz para ver mais profundamente as coisas que a rodeavam. Em sua canção de louvor – o *Magnificat* – percebemos até que ponto a Sagrada Escritura era o alimento constante da sua oração. O *Magnificat* está entrelaçado com referências aos salmos e outras palavras da Escritura Sagrada como o “cântico de Ana” (1 Sam 2, 1-11) ou a visão de Isaías (Is 29, 19-20), entre outros[11]. Com esse alimento, o Espírito Santo preparou o seu sim incondicional à embaixada do anjo. Confiamos-nos a ela para que também

deixemos a palavra divina educar o nosso coração e fazer-nos capazes de responder *fiat!* – faça-se! eu quero! – a tantos planos que Deus tem para a nossa vida.

Nicolás Álvarez de las Asturias

Tradução: Mônica Diez

[1] K. Wojtyła, *Ejercicios espirituales para jóvenes*, BAC, Madrid 1982, p. 89.

[2] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 264.

[3] Cfr. *Caminho*, n. 333.

[4] Cfr. São João da Cruz, *Ditos de amor e luz*, 59.

[5] Santo Agostinho, *Carta 130*.

[6] Cfr. São Cipriano, *A oração do senhor* em *Obras Completas*, Paulus; São Tomás de Aquino, *Comentário ao Pai Nosso*, editora Lótus do Saber (Rio de Janeiro, 2002).

[7] O *Hallel* se compõe do *pequeno Hallel*, integrado pelos salmos 113 (112) a 118 (117), e do *grande Hallel*, que é o salmo 136 (135), no que se repete em cada versículo, “porque eterna é a sua misericórdia”. Este último é o salmo que conclui a cena pascal.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n° 2597

[9] *Caminho*, n° 96

[10] Santo Agostinho, *terceira homilia sobre a I Carta de São João*, 13.

[11] Além dos já citados, também há referências a Habacuc 3,18; Jó 12, 19-20; 5, 11-12 e os Salmos 113,7; 136,17-23; 34,2-3; 111,9; 103,1; 89,11; 107,9; 34,10; 98,3; 22,9.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (3): Na companhia dos santos

Jesus publicamente sobe pela primeira vez a Jerusalém. Dedicar-se, por fim, plenamente ao anúncio do reino de Deus mediante suas palavras e milagres. Desde o prodígio realizado nas bodas de Caná a sua fama ia-se estendendo pouco a pouco. É então que, oculto pelo silêncio e a obscuridade da noite, um mestre judeu bem conhecido aproxima-se para conversar com ele (*Jo 3, 1*). Nicodemos havia sentido um terremoto em seu interior quando escutou e viu a Cristo. Remoía muitas coisas na cabeça e preferia solucioná-las na intimidade de uma conversa cara a cara. Jesus, que conhece a sinceridade do seu coração, diz-lhe de repente: “Quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus” (*Jo 3, 3*).

O diálogo continua com a pergunta que qualquer um de nós teria feito: o que significa isso? Eu sei o dia exato em que nasci, inclusive a hora, como se pode nascer duas vezes? Jesus, na verdade, estava pedindo a Nicodemos que procurasse não apenas compreender as coisas e sim – mais importante – que deixasse Deus entrar em sua vida. Porque querer ser santo é como nascer outra vez, como ver tudo com uma nova luz; em suma, ser uma nova pessoa: transformar-nos, pouco a pouco, no próprio Jesus Cristo, “deixando que sua vida se manifeste em nós”[1]. Os santos já percorreram os caminhos do reino de Deus: subiram as suas montanhas, descansaram em seus vales e também conheceram os cantos mais obscuros. Por isso nos enchem de esperança. Um modo de reconhecer a Cristo é, precisamente, através dos santos. As suas vidas podem desempenhar um papel importante no caminho pessoal de cada batizado que deseja aprender a rezar.

Maria reza quando está alegre...

As mulheres e homens que nos precederam são testemunhas de que o diálogo vital com Deus é realmente possível no meio de tantas idas e vindas que às vezes podem nos levar a pensar o contrário. Entre eles, um testemunho vital é o de Santa Maria. Ela, pela terna proximidade com o seu filho Jesus na vida cotidiana de uma família, teve a experiência mais viva do diálogo com o Pai. E, como em toda casa, no lar de Nazaré havia momentos bons e momentos mais difíceis; no entanto, no meio de estados de ânimo muito diferentes, a Virgem Maria sempre reza.

Reza, por exemplo, quando está alegre. Sabemos que, pouco tempo depois de ter recebido o anúncio do anjo, Maria vai “às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá” (*Lc 1, 39*) para visitar a sua prima Isabel. Havia recebido a notícia de que a família aumentaria com um novo sobrinho, o que era digno de ser festejado; muito mais porque se tratava de um acontecimento inesperado, dada a idade de Isabel e Zacarias. “A descrição que São Lucas faz do encontro entre as duas primas está cheia de emoção, e nos situa em um cenário de bênção e alegria”[2]; emoção à qual, de algum modo, o Espírito Santo se une, revelando a presença física do Messias, tanto ao Batista como à sua mãe.

Isabel, mal Maria entrou em sua casa, louva-a com afeto, utilizando palavras que se converterão em uma oração universal e às quais nós fazemos eco diariamente, penetrando também nessa alegria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!”. Nossa Senhora, por sua vez, responde com emoção ao entusiasmo da sua prima: “A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”. O *Magnificat*, nome que a tradição deu à esta resposta da nossa Mãe, ensina-nos o que é uma oração de louvor impregnada da palavra de Deus. Como indica Bento XVI: “Maria conhecia bem as sagradas Escrituras. O seu *Magnificat* é um tapete tecido com fios do Antigo Testamento”[3]. Quando sentimos os nossos corações cheios de gratidão por um dom que recebemos, é o momento de conversar abertamente com Deus em nossa oração – talvez com palavras da Escritura – reconhecendo as *grandes coisas* que Ele fez na nossa vida. A ação de graças é uma atitude fundamental na oração cristã, especialmente nos momentos de alegria.

... e também na dor ou no desânimo.

No entanto, a Virgem reza também nos momentos de escuridão, quando surgem a dor ou a falta de sentido. Ensina-nos, dessa forma, outra atitude fundamental da oração cristã, expressada de maneira concisa, mas luminosa no relato da morte de Jesus: “Junto à cruz de Jesus, estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe” (Jo 19, 25). Maria, oprimida pela dor, simplesmente *está*. Ela não pretende salvar o seu Filho nem resolver a situação. Não a vemos pedir contas a Deus pelo que não entende. Procura apenas não perder uma só palavra que Jesus pronuncia, com um fio de voz, da cruz. Por isso, quando recebe uma nova tarefa, aceita-a sem demora: “*Mulher, eis o teu filho!* Depois disse ao discípulo: *Eis a tua mãe!*” (Jo 19, 26-27). Maria está envolvida por uma dor que, para muitos, é a mais terrível que uma pessoa pode sentir: presenciar a morte de um filho. Mantém, no entanto, a lucidez que lhe permite aceitar esta nova chamada para acolher João como seu filho e, com ele, a nós, homens e mulheres de todos os tempos.

A oração dolorosa é antes de tudo, *estar* junto à própria cruz, amando a vontade de Deus; é saber *dizersim* às pessoas e às situações que o Senhor põe ao nosso lado. Rezar é ver a realidade, embora pareça particularmente escura, partindo da certeza de que sempre há um dom nela, de que Deus está sempre por trás. Poderemos assim ser capazes de acolher as pessoas e as situações repetindo como Maria: “Eis-me aqui” (Lc 1, 38).

Por último, na vida de Nossa Senhora descobrimos que ela também reza com outro estado de ânimo, diferente do da obscuridade da dor. Vemos Maria, junto do seu esposo José, rezar em um momento de angústia. Um dia, enquanto regressavam de sua peregrinação anual ao Templo de Jerusalém, dão conta da ausência do seu filho de doze anos. Decidem voltar para procurá-lo. Quando finalmente o encontram conversando com os mestres da lei, Maria pergunta: “Meu filho, que nos fizeste?! Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição” (Lc 2, 48). Nós também, muitas vezes, podemos sentir-nos angustiados, quando somos assaltados por uma sensação de insuficiência, de falha ou de estar fora de lugar. Pode parecer-nos, então, que o mundo está errado: a vida, a vocação, a família, o trabalho... Podemos chegar a pensar que o caminho não é como eu esperava. Os planos e sonhos do passado parecem-nos ingênuos. É reconfortante saber que Maria e José passaram por esta crise e que nem sequer a

sua oração angustiada teve uma resposta clara e reconfortante: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai? Eles, porém, não compreenderam o que ele lhes dissera” (Lc 2, 49-50).

Rezar nesses momentos de angústia não garante encontrar soluções fáceis e rápidas. O que fazer então? A Virgem Maria nos ensina o caminho: permanecer fiéis à nossa própria vida, voltar à situação normal e redescobrir a vontade de Deus inclusive quando não a entendemos bem. E como Maria, podemos também conservar todos estes eventos misteriosos e às vezes obscuros no coração, *meditando neles*, quer dizer, encarando-os com uma atitude de oração. Assim, pouco a pouco, percebemos que voltamos à presença de Deus; experimentaremos que Jesus *crece* em nós e volta a tornar-se visível (cfr. Lc 2, 51-52).

Biografias que são como as *nossas vidas*

Maria é uma testemunha única da proximidade com Deus que anelamos, mas os santos também o são, cada um de modo pessoal e específico. “Cada Santo é como um raio de luz que sai da Palavra de Deus”, ensina Bento XVI em um documento no qual sugere alguns mestres: “Assim o vemos também em Santo Inácio de Loyola na sua busca da verdade e no discernimento espiritual, em São João Bosco na sua paixão pela educação dos jovens, em São João Maria Vianney na sua consciência da grandeza do sacerdócio como dom e dever; em São Pio de Pietrelcina no seu ser instrumento da misericórdia divina; em São Josemaria Escrivá na sua pregação sobre a vocação universal à santidade; na Beata Teresa de Calcutá missionária da caridade de Deus pelos últimos”[4].

É natural, humanamente, ter simpatia por certos modos de ser, por pessoas que se dedicam a tarefas que nos atraem mais ou que falam de uma maneira que nos chega diretamente ao coração e à mente. O conhecimento da vida e experiências de um santo, junto à leitura dos seus escritos, constituem momentos privilegiados para cultivar uma verdadeira relação de amizade com eles. Por isso, se só destacam os exemplos extraordinários da vida e da oração dos santos, corremos o risco de que o seu exemplo seja longínquo e difícil de seguir. “Lembramo-nos de Pedro, de Agostinho, de Francisco? Nunca me agradaram essas biografias de santos que, com toda a ingenuidade, mas também com falta de doutrina, nos apresentavam as façanhas desses homens como se tivessem sido confirmados na graça desde o seio materno”, escreve São Josemaria, que sempre insistiu na importância de não idealizar as pessoas, nem sequer os santos canonizados pela Igreja, como se tivessem sido perfeitos. “Não. As verdadeiras biografias dos heróis cristãos são como as nossas vidas: lutavam e ganhavam, lutavam e perdiam. E então, contritos, voltavam à luta”[5]. Este enfoque realista faz que o testemunho dos santos seja muito mais verossímil, precisamente porque eles são semelhantes a cada um de nós. Entre os santos, diz o Papa Francisco, “pode estar nossa própria mãe, uma avó ou outras pessoas próximas (cfr. 2 Tm 1, 5). Talvez sua vida não tenha sido sempre perfeita, mas mesmo em meio a imperfeições e quedas continuaram em frente e agradaram ao Senhor”[6].

A nossa perspectiva sobre a oração pode ser mais completa quando a vemos encarnada na vida das pessoas. A familiaridade com os santos ajuda-nos a descobrir diferentes maneiras de começar e recomeçar a rezar. Pode oferecer-nos uma nova luz, por exemplo, saber que o salmo 91 foi um grande consolo para São

Thomas More durante os longos meses que passou na prisão: “Sob as suas asas encontrarás refúgio... Escolheste, por asilo, o Altíssimo.... Pois que se uniu a mim, eu o livrarei”[7]. O salmo que consolou um mártir na desolação da prisão, diante da perspectiva da morte violenta e do sofrimento dos seus seres queridos, também pode indicar-nos um caminho de oração nas pequenas e grandes contrariedades da vida.

A surpresa de ser olhado por Deus

A familiaridade com os santos pode ajudar-nos a descobrir a Deus nas coisas de cada dia como eles mesmos fizeram. Podemos ler com admiração o que São João Maria Vianney, o Cura d’Ars, descobriu naquele dia em que se aproximou de um de seus paroquianos, um camponês analfabeto, que passava longos momentos diante do sacrário. *O que o senhor faz aí?* perguntou-lhe o sacerdote. E o bom homem respondeu com simplicidade: *Eu olho para Ele e Ele olha para mim*. Não era necessário mais nada. Aquela resposta ficou como um ensinamento indelével no coração de seu pároco. “A contemplação é olhar de fé fito em Jesus”[8], ensina o Catecismo da Igreja citando precisamente este episódio. Eu olho para Ele e – muito mais importante – Ele olha para mim. Deus sempre nos olha, mas de modo particular quando levantamos os olhos e lhe devolvemos o seu olhar de amor.

Uma experiência parecida aconteceu com São Josemaria, que ficou tão impressionado que a relatou muitas vezes ao longo da sua vida. Quando era um jovem sacerdote, durante as suas primeiras experiências pastorais, costumava permanecer todas as manhãs no confessionário esperando os penitentes. Em certo momento ouvia um chacoalhar de latas que o deixava inquieto e, sobretudo, intrigado. Um dia, vencido pela curiosidade, o jovem padre Josemaria escondeu-se atrás da porta para ver quem era aquele misterioso visitante. Viu um homem que carregava cântaros de leite e que, da porta aberta da igreja, dirigia-se ao Sacrário dizendo: *Senhor, aqui está João, o leiteiro*. Permaneceu ali um momento e foi embora. Aquela pessoa simples, sem saber, deu um exemplo de oração confiada que surpreendeu São Josemaria e o levou a repetir, como um estribilho constante: “Senhor, aqui está Josemaria, que não sabe te amar como João, o leiteiro”[9].

Os testemunhos de tantos santos de diferentes épocas e ambientes confirmam que é possível sentir-se olhado com afeto por Deus, onde estamos e como somos. Dizem-no de um modo confiável porque eles mesmos foram os primeiros a surpreender-se com esta descoberta.

Dormindo ou acordados

Os santos, dizíamos antes, ajudam-nos também quando vemos as suas fraquezas e cansaços: “Ontem não pude rezar com atenção duas Ave-Marias seguidas”, confiava São Josemaria um dia no final de sua vida. “Se visses como sofri! Mas, como sempre, ainda que me custasse e não soubesse fazê-lo, continuei a rezar: Senhor, ajuda-me! – dizia-lhe –, tens de ser Tu quem leve para a frente as coisas grandes que me confiaste, porque bem vês que eu não sou capaz de realizar nem sequer as coisas mais pequenas: ponho-me, como sempre, nas tuas mãos”[10].

O jovem Filipe Neri também rezava: “Senhor, mantende hoje as mãos sobre Filipe, pois caso contrário Filipe atraiçoar-vos-á”[11]; e a bem-aventurada Guadalupe

Ortiz de Landázuri reconhecia, em uma carta, a falta de consolos sensíveis enquanto rezava: “No fundo, Deus está, embora, sobretudo nos tempos de oração, não o sinta quase nunca nesta temporada...”[12]; e sem falar de Santa Teresinha de Lisieux, que anotava: “Verdadeiramente, estou longe de ser santa, só isso o prova bem; em vez de me regozijar com a minha aridez, deveria atribuí-la à minha falta de fervor e de fidelidade, deveria ficar aflita por dormir (há sete anos) durante minhas orações e minhas ações de graças, mas não, não me aflijo... penso que as criancinhas agradam tanto seus pais quando dormem como quando estão acordadas, penso que para fazer cirurgias os médicos adormecem seus pacientes”[13].

Por isso necessitamos do testemunho e da companhia dos santos: para convencer-nos cada dia de que é possível e vale a pena cultivar a nossa amizade com o Senhor, abandonando-nos em suas mãos: “Verdadeiramente todos somos capazes, todos somos chamados a abrir-nos a essa amizade com Deus, a não nos soltarmos das suas mãos, a não nos cansarmos de voltar uma vez e outra ao Senhor, falando com Ele como se fala com um amigo”[14].

[1] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 104.

[2] Palavras do Padre em Covadonga, 13-VII-2018.

[3] Bento XVI, Homilia, 18/12/2005.

[4] Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 48.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 76.

[6] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 3.

[7] Sl 91, 4.9.14. Cfr. Thomas More, *Diálogo da fortaleza contra a tribulação*: O terceiro livro da obra, escrito durante a prisão na Torre de Londres, é construído como uma espécie de comentário aos versículos do Salmo 91 (90).

[8] Catecismo da Igreja Católica, n. 2715.

[9] Cfr. A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, Quadrante, 2004, vol. I, Cap. VIII, p. 459.

[10] São Josemaria, 26/11/1970, citado em J. Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*, p. 21.

[11] Citado por Bento XVI na audiência de 1/08/2012.

[12] M. Montero, *En Vanguardia: Guadalupe Ortiz de Landázuri, 1916-1975*, Rialp, Madri 2019, p. 94.

[13] Santa Teresa de Lisieux, *História de uma alma. Manuscritos autobiográficos*, Manuscrito A, f. 76, rº.

[14] J. Ratzinger, “Deixar Deus trabalhar“, em *L'Osservatore Romano*, 6-X-2002.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-te (4): Quando sabemos colocar-nos à escuta

O Senhor pensou em Moisés para uma missão crucial: guiar o seu povo em uma nova etapa da história da salvação. Com a sua cooperação, Israel foi libertado da escravidão no Egito e conduzido até a terra prometida. Pela sua mediação, o povo judeu recebeu as tábuas da Lei e as bases do culto a Deus. Como Moisés chegou a ser quem foi? Como atingiu essa sintonia com Deus que, com o tempo, fez que ele fosse um grande bem para tantas pessoas, nada menos que para todo o seu povo e para todos nós que viríamos depois?

Embora Moisés tenha sido escolhido por Deus desde o seu nascimento – basta considerar a sua milagrosa sobrevivência da perseguição do Faraó – é curioso que ele só tenha encontrado o Senhor muitos anos depois. Na juventude parecia apenas um homem comum, sem dúvida preocupado com os de sua raça (cfr. *Ex 2, 15*). Talvez o que melhor explique esta transformação seja a sua capacidade de ouvir o Senhor[1]. De modo semelhante, para chegar a ser o que somos chamados a ser, também nós precisamos nos transformar através da escuta. É verdade que não é fácil chegar a experimentar o que nos conta o livro do Êxodo, que “o Senhor falava com Moisés cara a cara, como se fala com um amigo” (*Ex 33, 11*). É um processo que costuma levar anos – a vida inteira – e muitas vezes é preciso *recomeçar a aprender* a fazer oração, como se estivéssemos no começo do nosso diálogo com o Senhor.

Moisés, Moisés!

Descobrir a necessidade da oração é saber que “ele nos amou primeiro” (1 *Jo 4,19*) e que seguindo essa lógica, também *ele nos falou primeiro*: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; varão e mulher ele os criou. E Deus os abençoou e *lhes disse...*” (*Gen 1, 27-28*)[2]. Deus, que tomou a iniciativa de criar-nos por amor e para destinar-nos a uma missão determinada, também se adianta a nós na vida de oração. Em nosso diálogo com o Senhor é ele quem pronuncia a primeira palavra.

Esta palavra inicial pode ser reconhecida já no *desejo* de Deus, que Ele mesmo semeou em nosso coração e que desperta por meio de mil experiências diversas. A primeira aparição a Moisés teve lugar no Horeb, chamado também o “monte de Deus”. Lá, “o anjo do Senhor manifestou-se em forma de chama de fogo no meio de uma sarça. Moisés olhou: a sarça ardia, mas não se consumia. Moisés disse para si mesmo: ‘Vou aproximar-me e verificar esta visão prodigiosa: por que a sarça não se consome’” (*Ex 3, 2-3*). Não se trata de mera curiosidade diante de um evento extraordinário, mas de clara percepção de que algo transcendente, superior a ele, está acontecendo. Em nossa vida, também nós podemos surpreender-nos diante de fatos que abrem aos nossos olhos uma dimensão mais profunda da realidade. Pode ser uma descoberta íntima, de algo que talvez antes

nos tenha passado despercebido: intuímos a presença de Deus ao reconhecer algum de seus dons, ou ao ver como as contrariedades nos fizeram amadurecer e nos prepararam para enfrentar diferentes circunstâncias ou tarefas. Pode ser também uma descoberta na realidade que nos rodeia: a família, os amigos, a natureza... De um modo ou de outro, experimentamos a necessidade de rezar, de agradecer, de pedir... e nos dirigimos a Deus. Esse é o primeiro passo.

“O Senhor viu que Moisés se aproximava para olhar e o chamou do meio da sarça: -Moisés, Moisés! E ele respondeu: Eis-me aqui” (Ex 3, 4). O diálogo se estabelece quando o nosso olhar se encontra com o de Deus, que já estava olhando para nós. E as palavras – se é que são necessárias – fluem quando deixamos que as d’Ele venham primeiro. Se tentarmos sozinhos, não poderemos rezar. Convém, antes, pôr os olhos no Senhor e recordar a sua promessa consoladora: “Sabei que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28, 20).

Assim pois, uma fé confiada em Deus é ingrediente básico de qualquer oração sincera. O melhor modo de começar a rezar é, frequentemente, pedir ao Senhor que Ele nos ensine. Foi o que fizeram os apóstolos e é o caminho que São Josemaria ensinou a percorrer: “Quem não se considere preparado, recorra a Jesus, como faziam os seus discípulos: *ensina-nos a orar!* Logo verificará como o Espírito Santo *ajuda a nossa fraqueza; pois, não sabendo o que havemos de pedir nas nossas orações, nem a forma conveniente de exprimir-nos, o mesmo Espírito ora por nós com gemidos inexplicáveis*, que não se podem contar, porque não há formas adequadas para descrever a sua profundidade”[3].

Tira as sandálias dos pés

Ao terminar um retiro espiritual, a bem-aventurada Guadalupe Ortiz de Landázuri escrevia a São Josemaria: “Do meu trato íntimo com Deus, da minha oração, etc., já falei outras vezes: quando faço um pouco a minha parte, Deus me facilita e me rendo inteiramente”[4]. A iniciativa da oração – e a própria oração – são um dom de Deus. Ao mesmo tempo convém também perguntar-se qual é o nosso papel. O diálogo com o Senhor é uma graça, e exatamente por isso, não é algo inteiramente passivo, pois para recebê-la é preciso, de alguma forma, querer recebê-la.

Além de uma disposição receptiva, o que mais se pode fazer para ter uma vida de oração intensa? Um bom começo pode ser perceber diante de quem estamos, e corresponder com uma atitude de reverência e de adoração. No diálogo do monte Horeb, “Deus lhe disse: ‘Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é chão sagrado’. E acrescentou: ‘Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó’. Moisés cobriu o rosto, pois temia olhar para Deus” (Ex 3, 5-6).

Tirar as sandálias e cobrir o rosto foi a resposta do maior profeta do povo de Israel em seu primeiro encontro com Deus. Com esses gestos expressava a sua consciência de estar diante do Deus transcendente. Algo parecido podemos fazer quando nos aproximamos de Jesus no Sacrário em uma atitude de adoração. Durante uma vigília de oração, diante de Jesus sacramentado, Bento XVI expressava-se com palavras que nos dizem como adorar o Senhor: “Aqui na hóstia sagrada Ele está diante de nós e no meio de nós. Como então, vela-se

misteriosamente num santo silêncio e, como então, precisamente assim revela o verdadeiro rosto de Deus. Ele fez-se para nós grão de trigo que cai na terra e morre para dar muito fruto até ao fim do mundo (cf. *Jo* 12, 24). Ele está presente como naquela época estava presente em Belém. Convida-nos para aquela peregrinação interior que se chama adoração. Coloquemo-nos agora a caminho para esta peregrinação e peçamos-Lhe que nos guie”[5].

A atitude de adoração pode manifestar-se em nossa oração de diversos modos. Diante do Santíssimo, por exemplo, ajoelhamo-nos, como um sinal da nossa pequenez diante de Deus. E quando, por diversas circunstâncias, não for possível rezar diante do Santíssimo, podemos realizar atos equivalentes como olhar o interior de nossa alma para descobrir lá o Senhor, e colocar a alma de joelhos, recitando com calma cada palavra da oração inicial ou de outra oração que nos lembre que estamos na sua presença.

A nuvem o cobriu

Em outro momento do seu diálogo com Deus, Moisés recebeu as tábuas de Lei. A cena é impressionante e, ao mesmo tempo, de grande intimidade: “a glória do Senhor repousou sobre o monte Sinai, que ficou envolvido na nuvem durante seis dias. No sétimo dia, o Senhor chamou Moisés do seio da nuvem. A glória do Senhor aparecia aos israelitas como um fogo devorador sobre o cume do monte. Moisés penetrou na nuvem e subiu a montanha. Ficou ali quarenta dias e quarenta noites” (*Ex* 24, 16-18)

Essa nuvem, além de manifestar a glória de Deus e ser figura antecipada da presença do Espírito Santo, permitia um ambiente de intimidade no diálogo entre o profeta e o seu criador. Isso mostra que para rezar é necessário exercitar-se em algumas destrezas que facilitem a intimidade com Deus: amor ao silêncio exterior e interior; e uma *disciplina da escuta* que permita perceber sua voz.

Às vezes custa-nos valorizar o silêncio e, se na oração não ouvimos nada, tendemos a preencher o tempo com palavras, leituras ou inclusive imagens e sons. Mas é possível que, embora o façamos com boa intenção, dessa maneira não consigamos ouvir o Senhor. Necessitamos talvez de uma *conversão ao silêncio*, que é mais do que meramente calar-se. São Josemaria fez uma anotação no verão de 1932 – que passou posteriormente para *Caminho* – que mostra de modo expressivo como o diálogo com Deus terá sempre que passar por esta rota: “O silêncio é como que o porteiro da vida interior”[6].

Os sons externos e as paixões internas nos afastam de nós mesmos, mas o silêncio nos recolhe e nos leva a interrogar-nos sobre a nossa própria vida. O ativismo ou a loquacidade na oração não nos aproximam de Deus como tampouco permitem uma atividade profunda. Com a agitação não há tempo para recolher-se, para pensar, para viver em profundidade, enquanto o silêncio – interior e exterior – nos leva ao encontro com o Senhor, a maravilhar-nos diante d’Ele. Com efeito, a oração precisa de um silêncio que não seja meramente negativo, vazio, mas *cheio de Deus*, que nos leve a descobrir a sua presença. Como anotava a bem-aventurada Guadalupe: “Aprofundar nesse silêncio até chegar aonde está só Deus; onde nem os anjos podem entrar sem a nossa autorização”. E lá, “adorar a Deus, louvá-lo e dizer-lhe palavras carinhosas”[7]. Esse é o silêncio que permite ouvir a Deus.

Trata-se, em suma, de fixar a nossa atenção – inteligência, vontade, afetos – em Deus, para deixar que Ele se dirija a nós. Por isso, podemos fazer a nós mesmos as perguntas que o papa Francisco sugeria: “Há momentos em que você se coloca na presença d’Ele em silêncio, permanece com Ele sem pressa e se deixa olhar por Ele? Deixa que o fogo d’Ele inflame o seu próprio coração? Se não lhe permite que Ele alimente o calor do seu amor e da sua ternura, você não terá fogo, e então como poderá inflamar o coração dos outros com o seu testemunho e as suas palavras?”[8].

Unida ao silêncio, é igualmente necessária a constância, porque rezar custa. Implica tempo e esforço, como aconteceu com Moisés, que ficou seis dias coberto pela nuvem, e só no sétimo recebeu a palavra do Senhor. Em primeiro lugar, se requer uma constância *exterior* para manter um horário mais ou menos fixo de oração, e uma duração concreta. Esta foi uma recomendação constante na vida de São Josemaria: “Meditação. –Tempo fixo e a hora fixa – Senão, acabará adaptando-se à nossa comodidade: isso é falta de mortificação. E a oração sem mortificação é pouco eficaz”[9]. Essa constância, movida pelo amor, será a porta de entrada para um relacionamento de amizade com Deus, com muita conversa, já que ele não se impõe: só nos fala se nós quisermos. Nossa constância constitui um modo de manifestar e cultivar um desejo ardente de receber as suas palavras de carinho.

Além da constância exterior, se requer uma constância *interior*, como parte da disciplina da escuta: precisamos centrar a inteligência que se dispersa, mover a vontade que não quer completamente e alimentar os afetos que algumas vezes não nos acompanham. Isso pode cansar, principalmente se é preciso fazê-lo com frequência porque há muitos estímulos que nos distraem. Ao mesmo tempo, a escuta disciplinada não se pode confundir com um excessivo rigorismo ou com exercícios de concentração muito metódicos, porque a oração flui de acordo com muitas circunstâncias. Flui, fundamentalmente, por onde Deus permite – “o vento sopra onde quer” (*Jo 3, 8*) – mas também corre de acordo com a nossa situação particular. Às vezes passamos longos momentos pensando nas pessoas a quem amamos, pedindo ao Senhor por elas, e isso pode já ser um diálogo de amor.

Alguns conselhos concretos que facilitam uma escuta disciplinada: fugir da atitude *multitarefa* para poder estar focado e presente durante o diálogo, sem ficar pensando em outras coisas; fomentar a disposição de quem vai aprender, reconhecendo humildemente o nosso nada e o tudo d’Ele, servindo-nos talvez de jaculatórias ou orações breves; formular ao Senhor perguntas abertas, deixando-lhe espaço para responder quando quiser, ou simplesmente dizendo-lhe que estamos dispostos a fazer o que Ele nos indicar; seguir o ritmo e o rumo por onde nos levarem as considerações de seu amor, evitando as distrações com pensamentos colaterais; aprender a ter a mente aberta para nos deixarmos surpreender por Ele e para sonhar os sonhos de Deus, sem pretender controlar excessivamente a oração. Vamos assim abrindo-nos ao mistério e à lógica do Senhor, o que nos permite aceitar com paz o fato de não saber por onde Ele nos levará.

“Mostra-me a tua glória”

Ao começar um tempo de oração, temos a expectativa de que o Senhor nos falará – como de fato acontece algumas vezes. No entanto, poderíamos ficar frustrados

se no fim desse diálogo não tivéssemos ouvido nada ou muito pouco. De qualquer forma, é preciso manter a certeza de que na oração *sempre há fruto*. No monte Sinai, “Moisés disse: ‘Mostra-me tua glória’”. Parece que o Senhor quer realizar esse desejo: “‘Farei passar diante de ti toda a minha bondade e proclamarei meu nome, *Senhor*, na tua presença. A quem mostro meu favor, eu o mostro; a quem demonstro misericórdia, eu a demonstro’. E acrescentou: ‘Não poderás ver minha face, porque ninguém me pode ver e permanecer vivo’ (...). ‘Quando a minha glória passar, eu te porei na fenda da rocha e te cobrirei com a mão enquanto passo. Quando eu retirar a mão, tu me verás pelas costas. Minha face, porém, não se pode ver’” (Ex 33,18-23). Se Moisés tivesse se sentido frustrado por não ter podido ver o rosto de Deus, como desejava, talvez tivesse abandonado a sua intenção ou perdido a motivação para futuros encontros. Mas, pelo contrário, deixou-se conduzir por Deus e chegou assim a ser aquele com quem o Senhor conversava “face a face” (Dt 34,10).

A chave da oração não consiste em obter resultados tangíveis, e menos ainda em ficar ocupados durante um tempo determinado. O que buscamos no diálogo com o Senhor, não é um resultado imediato, e sim ser capazes de chegar até aquele lugar, aquele estado vital – por dizer de alguma forma – em que a oração se identifica cada vez mais com a própria vida: pensamentos, afetos, esperanças... Trata-se de *estar* com o Senhor, manter-nos na sua presença ao longo do dia. Em suma, o fruto principal da oração é *viver em Deus*. A oração se entende assim como uma *comunicação de vida*: vida recebida e vida vivida, vida acolhida e vida entregue. Não importa, então, que não tenhamos sentimentos inflamados ou luzes fascinantes. De um modo muito mais simples, o tema de nossa oração será – como nos dizia São Josemaria[10] – o tema da nossa vida, e vice-versa, porque a nossa vida inteira se converterá em autêntica oração, avançando por “um caudal largo, manso e seguro”[11].

Jorge Mario Jaramillo

[1] Como sugere o papa Bento XVI em sua catequese sobre a oração: “Lendo o Antigo Testamento, destaca-se uma figura entre as outras: Moisés, precisamente como homem de oração”, Audiência geral, 1/06/2011.

[2] O mesmo acontece no segundo relato da criação do homem: cfr. Gn 2, 16. As cursivas não são do texto bíblico.

[3] *Amigos de Deus*, n. 244.

[4] Carta, 12/11/1949, em: *Cartas a um santo*, capítulo 2.

[5] Bento XVI, *Discurso*, 20/08/2005.

[6] *Caminho*, n. 281.

[7] Mercedes Eguibar Galarza, *Guadalupe Ortiz de Landázuri. Trabalho, amizade e bom humor*, Quadrante, São Paulo, 2019, p. 88.

[8] Francisco, *Ex. Ap. Gaudete et exsultate*, n. 151.

[9] *Sulco*, n. 446.

[10] *É Cristo que passa*, n. 174.

[11] *Amigos de Deus*, n. 306.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-Lo e conhecer-se (5): Como Deus fala conosco

Território de Pereia, a leste do Jordão, na atual Jordânia. No topo de uma colina elevada a mil e cem metros acima do Mar Morto, ergue-se a imponente fortaleza de Maqueronte. Ali, Herodes Antipas prendeu João Batista (cf. *Mc* 6,17)[1]. A massorra fria e úmida é esculpida na rocha. Tudo está escuro. Reina o silêncio. Um pensamento atormenta João: o tempo passa e Jesus não Se manifesta com a clareza que ele esperava. Já ouviu falar das Suas obras (cf. *Mt* 11, 2), mas não parece falar de Si mesmo como o Messias. E, quando lhe perguntam diretamente, fica calado. É possível que João estivesse enganado? Mas viu-O claramente! Viu o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre Ele! (cf. *Jo* 1,32-43). Então, inquieto, mandou alguns discípulos perguntar ao Mestre: “És Tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” (*Mt* 11, 3).

Jesus responde de uma maneira inesperada. Em vez de dar uma resposta direta, dirige a atenção para as Suas obras: “cegos recuperam a vista, paráliticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa-Nova”. Uma resposta um pouco incerta, mas suficientemente clara para quem conhece os sinais que as antigas profecias das Sagradas Escrituras tinham anunciado como próprios do Messias e do Seu Reino: “Teus mortos, porém reviverão! Seus cadáveres vão se levantar!” (*Is* 26,19); ou “Então, os olhos dos cegos vão se abrir e abrem-se também os ouvidos dos surdos” (*Is* 35,5). Por isso, o Senhor, animando João a confiar, conclui: “E feliz de quem não se escandaliza a meu respeito!” (*Mt* 11,6).

Nesta cena, podemos reconhecer a situação do homem que, de maneira semelhante a João, pensa que não ouve Deus na oração. É então que Jesus nos convida a mudar a nossa perspectiva, abandonando a busca de certezas humanas, e entrando nesse jogo misterioso de que o Senhor fala através das Suas obras e das Sagradas Escrituras. Nessas palavras finais – “feliz de quem não se escandaliza a meu respeito” – descobrimos uma chamada a perseverar com fé na oração, mesmo que às vezes Deus não nos responda como esperamos.

Gestos que podem quebrar o silêncio

Frequentemente, quem começa a rezar deve enfrentar o aparente silêncio de Deus: “Falo-Lhe, conto-Lhe as minhas coisas, pergunto o que devo fazer, mas Ele não me responde, não me diz nada”. É a antiga queixa de Jó: “Clamo por ti, e não me atendes; insisto, e nem olhas para mim” (*Jó* 30,20). É fácil então que apareça a perplexidade: “Sempre ouvi dizer que oração é diálogo, mas Deus não me diz nada. Por quê? Se, como dizem, Deus fala com outras pessoas... por que não comigo? O que estou fazendo de errado?” As dúvidas do homem que reza, às vezes, podem se transformar numa tentação contra a esperança: “Se Deus não me responde, para quê rezar?” Ou, ainda, se esse silêncio for interpretado como ausência, numa tentação contra a fé: “Se Deus não fala comigo, então não existe”.

O que dizer sobre isso? Em primeiro lugar, que negar a existência de Deus por causa do Seu aparente silêncio não é lógico. Deus poderia escolher permanecer calado, por qualquer motivo, e isso não acrescentaria nada à Sua existência ou não existência, nem ao Seu amor por nós. A fé em Deus – e na Sua bondade – está acima de tudo. Seja como for, pode ser uma ocasião para implorar com o salmista, cheios de fé e confiança: “Ó Deus, não fiques silencioso, não fiques calado e indiferente, ó Deus!” (Sl 83,2).

Também não devemos duvidar da nossa capacidade de ouvir a Deus. Existem recursos dentro do homem que, com a ajuda da graça, permitem que ouça a linguagem de Deus, por mais que essa capacidade esteja obscurecida pelo pecado original e pelos próprios pecados. O primeiro capítulo do Catecismo da Igreja Católica começa precisamente com esta afirmação: “O homem é capaz de Deus”. São João Paulo II explicava-o da seguinte maneira: “O homem — como diz a tradição do pensamento cristão — é *capax Dei*: capaz de conhecer a Deus e de acolher o dom que Ele faz de Si mesmo. Com efeito, criado à imagem e semelhança de Deus, é capaz de viver uma relação pessoal com Ele”[2]; relacionamento pessoal que assume a forma de um diálogo feito de palavras e gestos[3]. E, às vezes, apenas gestos, como também acontece no amor humano.

Assim, por exemplo, da mesma maneira que entre duas pessoas uma troca de olhares pode ser um diálogo silencioso – há olhares que falam –, a conversa confiada do homem com Deus também pode assumir esta forma: a de “um olhar para Deus e sentirmo-nos olhados por Ele. Como aquele olhar de Jesus a João, que decidiu para sempre o rumo da vida do discípulo”[4]. O Catecismo diz que “a contemplação é um olhar de fé”[5] e, muitas vezes, um olhar pode ser mais valioso e mais carregado de conteúdo, amor e luz para as nossas vidas do que uma longa sucessão de palavras. São Josemaria, precisamente falando da alegria que uma vida contemplativa gera, afirmava que “a alma rompe outra vez a cantar com um cântico novo, porque se sente e se sabe também fitada amorosamente por Deus, em todos os momentos”[6]. Sentir esse olhar, e não apenas saber-se olhados, é um dom que podemos implorar humildemente, como “mendigos de Deus”[7].

Ninguém falou jamais assim

Santa Teresa de Calcutá dizia que “na oração vocal falamos com Deus; na oração mental, Ele fala conosco. É assim que o próprio Deus se derrama sobre nós”[8]. É uma maneira de explicar o inefável: Deus fala-nos *derramando-Se* sobre nós. E a verdade é que a oração tem muito de mistério. Esse *misterioso encontro* entre Deus e a pessoa que ora ocorre de várias maneiras, mas algumas delas não são evidentes à primeira vista, totalmente compreensíveis ou facilmente constatáveis. O próprio catecismo da Igreja nos adverte: “Devemos também enfrentar mentalidades “deste mundo” que nos contaminam se não formos vigilantes, por exemplo: a afirmação de que o verdadeiro seria apenas o que é verificado pela razão e pela ciência (rezar, pelo contrário, é um mistério que ultrapassa nossa consciência e o nosso inconsciente)”[9]. Como João Batista, muitas vezes ansiamos evidências que nem sempre são possíveis no domínio do sobrenatural.

A forma como Deus fala com a alma supera-nos, não podemos compreendê-la completamente: “Para mim, tua sabedoria é grandiosa, alta demais, eu não a entendo!” (Sl 139, 6). De fato, o nosso alfabeto não é o alfabeto de Deus, a nossa

língua não é a Sua língua, as nossas palavras não são as Suas. Quando Deus fala, não precisa fazer as cordas vocais vibrarem, e o lugar onde se escuta não é o ouvido, mas o ponto mais recôndito e misterioso do nosso ser, que umas vezes chamamos coração e outras, consciência[10]. Deus fala com a realidade que Ele é e fala à realidade que somos, da mesma maneira que as estrelas não se relacionam com palavras, mas com a força da gravidade. Deus não precisa falar conosco com palavras – embora também possa fazê-lo; bastam-Lhe as Suas obras e a ação secreta do Espírito Santo nas nossas almas, movendo o nosso coração, inclinando a nossa sensibilidade ou iluminando a nossa mente para nos atrair docemente a Si. No princípio, podemos nem ter consciência disso, mas a passagem do tempo nos ajudará a distinguir esses Seus efeitos em nós: talvez tenhamos nos tornado mais pacientes, ou mais compreensivos, ou trabalhemos melhor ou valorizemos mais a amizade... enfim, amaremos a Deus cada vez mais.

Por isso, ao falar de oração, o Catecismo da Igreja indica que “a transformação do coração que reza é a primeira resposta a nosso pedido”[11]. Uma transformação geralmente lenta e gradual, às vezes imperceptível, mas totalmente verdadeira, que devemos aprender a reconhecer e agradecer. Foi o que São Josemaria fez em 7 de agosto de 1931: “Hoje, esta diocese celebra a festa da Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo. – Ao pedir minhas intenções na Santa Missa, reparei da mudança interior que Deus operou em mim, durante estes anos de residência na ex-Corte... E isso, apesar de mim: sem a minha cooperação, posso dizer. Creio que renovei o propósito de dirigir a minha vida inteira para o cumprimento da vontade divina”[12]. Essa *mudança interior*, reconhecida na oração, é uma maneira de Deus falar... e que maneira! Então entendemos o que os guardas do templo disseram sobre Jesus: “Ninguém jamais falou como este homem” (Jo 7, 46). Deus fala como ninguém mais pode fazê-lo: mudando o coração.

A palavra de Deus é eficaz (cf. *Hb* 4,12), muda-nos, a sua ação na alma supera-nos. Assim o próprio Javé diz pela boca de Isaías: “Tanto quanto o céu acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos e meus pensamentos distantes dos vossos. E como a chuva e a neve que caem do céu para lá não voltam sem antes molhar a terra e fazê-la germinar e brotar, a fim de produzir semente para quem planta e alimento para quem come, assim também acontece com a minha palavra: Ela sai da minha boca e para mim não volta sem produzir seu resultado, sem fazer aquilo que planejei, sem cumprir com sucesso a sua missão” (*Is* 55: 9-11). Esta eficácia misteriosa também nos convida à humildade, que “é a disposição para receber gratuitamente o dom da oração”[13], porque nos ajuda a confiar e a abrir-nos à ação de Deus.

A enorme liberdade de Deus

Deus fala quando quer. Não podemos criticar o Espírito Santo. Não está na nossa mão dirigir a Sua ação nas nossas almas. Numa ocasião, São Josemaria observava que Jesus Cristo, presente no Sacrário, “é um Senhor que fala quando quer, quando menos se espera, e diz coisas concretas. Depois cala, porque deseja a resposta da nossa fé e da nossa lealdade”[14]. De fato, não se *entra na oração* pela porta do sentimento – vendo, ouvindo, sentindo – mas “pela porta estreita da fé”[15], manifestada no cuidado e na perseverança que colocamos nos nossos momentos de oração; embora às vezes não o vejamos imediatamente, estes sempre dão fruto.

Assim aconteceu muitas vezes ao fundador do Opus Dei; por exemplo, em 16 de outubro de 1931, como ele próprio nos diz: “Quis fazer oração, depois da Missa, na quietude da minha igreja. Não o consegui. Em Atocha, comprei um jornal (o ABC) e tomei o bonde. Até este momento, em que escrevo isto, não pude ler mais que um parágrafo do jornal. Senti afluir a oração de afetos, copiosa e ardente. Assim estive no bonde e até minha casa”[16]. São Josemaria tenta, aparentemente sem sucesso, rezar num local recolhido. No entanto, poucos minutos depois, na agitação de um bonde cheio de gente, quando começa a ler as notícias do dia, é arrebatado pela graça de Deus e tem “a oração mais elevada” que jamais teve, segundo as suas próprias palavras.

Muitos outros santos testemunharam essa liberdade de Deus para falar à alma quando quer. Santa Teresa de Jesus, por exemplo, explicava-o com a imagem da lenha e do fogo. Muitas vezes lhe tinha acontecido que, apesar de todo o seu esforço – a lenha –, finalmente a oração – o fogo – não brotava. Escreve: “Ria de mim mesma e me alegrava ao ver a baixeza de uma alma quando Deus não age continuamente nela (...). Embora lance lenha e faça o pouco que pode, ela não consegue atear o fogo do amor de Deus (...). Nesse caso, ainda que a alma se mate de soprar e de arrumar a lenha, parece que tudo abafa o fogo ainda mais. Acredito que o melhor é conformar-se de vez com o fato de nada poder por si só”[17], porque Deus fala quando quer.

Mas, ao mesmo tempo, Deus falou-nos muitas vezes; melhor, nunca deixa de falar conosco. De certa forma, aprender a orar é aprender a reconhecer a voz de Deus nas Suas obras, como o próprio Jesus fez ver a São João Batista. O Espírito Santo não deixa de atuar dentro de nós; é por isso que São Paulo podia recordar aos Coríntios que “ninguém será capaz de dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser sob influência do Espírito Santo” (1 *Cor* 12,3). Isso enche-nos de paz. Quem perde isto de vista pode facilmente cair no desespero: “Os que procuram a Deus pela oração desanimam depressa, porque ignoram que a oração também procede do Espírito Santo e não apenas deles”[18]. Para nunca desanimar na oração, é necessário ter grande confiança no Espírito Santo e no seu multiforme e misterioso atuar nas nossas almas: “O Reino de Deus é como quando alguém lança a semente na terra. Quer ele esteja dormindo ou acordado, de dia ou de noite, a semente germina e cresce, sem que ele saiba como” (*Mc* 4, 26).

José Brage

[1] Cf. Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas*, 18, 5, 2.

[2] São João Paulo II, *Audiência Geral*, 26/08/1998.

[3] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2567.

[4] São Josemaria, Anotações de uma meditação em 9/01/1959; em *Enquanto nos falava pelo caminho*, p. 111.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2715.

- [6] São Josemaria, Homilia “Rumo à santidade”, *Amigos de Deus*, n. 307.
- [7] Cf. Santo Agostinho, *Sermão* 56, 6, 9.
- [8] Santa Teresa de Calcutá, *Amor maior não há*, Universo dos livros, São Paulo, 2017.
- [9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2727.
- [10] “A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem, onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz (GS 16)”, *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1776.
- [11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2739.
- [12] São Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 217, em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 2004, I Volume, p. 348-349.
- [13] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2559
- [14] São Josemaria, Apontamentos tomados numa reunião familiar em 18/06/1972 (*Crónica*, 2000, p. 243).
- [15] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2656.
- [16] São Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 334, em Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador do Opus Dei*, I, p. 355-356.
- [17] Santa Teresa de Jesus, *Vida*, Edições Loyola, São Paulo, 2001, Cap. 37.
- [18] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2726.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (6): Deus fala conosco com palavras e obras

Deus fala conosco. Constantemente. Fala com palavras e também com obras. A sua linguagem é muito mais rica do que a nossa. É capaz de suscitar moções se servindo, por exemplo, das pessoas e dos acontecimentos que nos rodeiam. Deus fala conosco nas Escrituras, na Liturgia, por meio do Magistério da Igreja... Como olha para nós sempre com amor, procura o diálogo conosco em cada acontecimento, chamando-nos sempre a ser santos. Por isso, para poder ouvir essa misteriosa linguagem divina, procuramos sempre começar a nossa oração com um ato de fé.

De dentro...

Deus fala atuando em nossas próprias potências, que pode mover de dentro: move a nossa inteligência, por meio das inspirações; os nossos sentimentos, por meio dos afetos; a nossa vontade, por meio dos propósitos. Por isso, como são Josemaria nos ensinou, ao finalizar a nossa oração podemos dizer: “dou-te graças, meu Deus, pelos bons propósitos, afetos e inspirações que me comunicaste nesta meditação”.

Mas, ao considerar esta realidade, podemos ter uma dúvida: “Como saber se é Ele quem está falando? Como saber se esses propósitos, afetos e inspirações não são simplesmente ideias, desejos e sentimentos meus?” A resposta não é fácil. Orar é uma arte que aprendemos com o tempo e com a ajuda da direção espiritual. Mas podemos dizer que tudo o que nos leva a amá-lo mais e a amar mais os outros, a cumprir a sua vontade, inclusive quando traz consigo sacrifício e generosidade, vem de Deus. Há muitas pessoas acostumadas a fazer oração que podem dizer: “na minha oração, penso as mesmas coisas que penso ao longo do dia, mas com uma diferença: ao terminar, sempre digo ‘mas não se faça a minha vontade e sim a tua’ no coração, e isso não acontece em outros momentos”.

Muitas vezes Deus fala diretamente ao coração, cuja linguagem conhece como ninguém, através de desejos profundos que Ele mesmo semeia. Por isso, ouvi-Lo muitas vezes consiste em mergulhar no próprio coração e ter a valentia de colocar diante d’Ele os nossos desejos, com a intenção de discernir o que nos leva a cumprir a sua vontade e o que não. O que eu desejo realmente? Por quê? De onde vêm esses impulsos? Para onde me levam? Estou me enganando, fingindo que não existem? Diante destas perguntas, que são normais para quem quer viver uma vida de oração, o Papa Francisco nos recomenda: “Para não se enganar, é preciso perguntar: Conheço-me a mim mesmo, para além das aparências ou das minhas sensações? Sei o que alegra ou entristece o meu coração?”^[1].

Além de falar no nosso coração e na nossa inteligência, Deus também fala por meio dos nossos *sentidos internos*: fala na nossa imaginação, suscitando uma cena ou imagem; na nossa memória, trazendo uma lembrança ou palavras que podem

ser uma resposta para a nossa oração ou uma indicação dos seus desejos. Aconteceu isso com são Josemaria, por exemplo, no dia 8 de setembro de 1931. Estava rezando na Igreja do Patronato dos Enfermos, sem muita empolgação – como ele mesmo diz – com a imaginação solta “quando reparei que, sem querer, repetia umas palavras latinas em que nunca me detivera e que não tinha motivo para conservar na memória. Ainda agora, para me recordar delas, preciso lê-las na ficha que sempre trago no bolso para anotar o que Deus quer. (...) (instintivamente, levado pelo hábito, anotei a frase ali mesmo, no presbitério, sem lhe dar importância): dizem assim as palavras da Escritura que encontrei nos meus lábios: *et fui tecum in omnibus ubicumque ambulasti, firmans regnum tuum in aeternum*. Apliquei a minha inteligência ao sentido da frase, repetindo-a devagar. E depois, ontem à tarde, hoje mesmo, quando voltei a ler essas palavras (porque – repito – como se Deus estivesse empenhado em ratificar que foram suas, não me lembro delas de uma vez para outra), compreendi bem que Cristo Jesus me deu a entender, para nossa consolação, que ‘a Obra de Deus estará com Ele em toda a parte, afirmando o reinado de Jesus Cristo para sempre’”[2].

Deus também pode se servir das anotações que fazemos num retiro espiritual ou um meio de formação para falar conosco, especialmente ao relê-las na oração tentando captar o seu sentido. Ali, talvez, possamos descobrir um fio condutor ou repetições que nos dão uma pista do que o Senhor quer nos dizer.

Um sussurro incessante

É verdade que às vezes o Senhor fala claramente e de maneira sobrenatural, mas não costuma ser o comum. Geralmente, Deus fala baixinho e por isso, às vezes, não percebemos os pequenos presentes – propósitos, afetos, inspirações – que Ele nos dá em alguma oração. Pode nos acontecer como com o general sírio Naamã; quando o profeta Eliseu o animou a mergulhar sete vezes no rio para ficar curado da sua lepra, lamentava-se dizendo: “Eu pensava que ele sairia para me receber, levantando-se para invocar o nome do Senhor, seu Deus; e que tocaria com sua mão o lugar da lepra e me curaria” (2 Rs 5,11). Naamã dirigiu-se ao Deus de Israel, mas ele esperava algo extraordinário, até mesmo sonoro. Felizmente, os seus servos o chamaram à razão. “Senhor, se o profeta te mandasse fazer uma coisa difícil, não a terias feito? Quanto mais agora que ele te disse: ‘Lava-te e ficarás limpo’” (2 Rs 5,13). O general voltou para cumprir o conselho, aparentemente simples demais, e deste modo entrou em contato com o poder salvador de Deus. Na oração, convém valorizar essas pequenas luzes sobre *o já sabido*, as moções do Espírito Santo sobre *as coisas de sempre*, os afetos de pouca intensidade, os propósitos *fáceis*, sem desprezá-los por serem prosaicos, já que tudo isso pode ser Deus.

O cardeal Ratzinger respondeu a uma pergunta sobre a oração assim: “Geralmente Deus não fala de forma ruidosa, mas sempre se está manifestando. É claro que o receptor tem de estar, por assim dizer, sintonizado para captar o emissor. Na nossa maneira de viver e de pensar, há tantas interferências perturbadoras que não somos capazes de captar o som... É claro que Ele não fala de forma ruidosa, mas sim através de sinais e dos acontecimentos da vida, e através das outras pessoas. É necessário, pois, ter uma certa vigilância, e perseverança para não ser dominado pelas coisas que ocupam o primeiro plano”[3]. Esta capacidade de atenção tem muito a ver com o recolhimento

interior – às vezes também exterior – e é algo que temos que treinar. Para ouvir a Deus é necessário ter momentos em que pausamos a movimentação do dia a dia e enfrentamos a força da solidão com Ele. Precisamos de silêncio.

A verdade é que Deus nos fala de mil maneiras. Pode ser que estejamos tão acostumados com os seus dons, que já não reparamos, que não o reconhecemos, como aconteceu com os conterrâneos de Jesus: “Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não estão todas conosco? De onde, então, lhe vem tudo isso?” (Mt 13,55-56). Temos que pedir ao Espírito Santo que dilate as nossas pupilas, abra os nossos ouvidos, purifique o nosso coração e ilumine a nossa consciência para sabermos reconhecer o seu sussurro incessante, esse rumor imortal dentro de nós.

Deus já falou conosco

Quando Jesus respondeu aos discípulos de João Batista enumerando os seus sinais – “cegos recuperam a vista, paralíticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa-Nova” (Mt 11,5) – está anunciando o cumprimento das antigas profecias da Sagrada Escritura sobre o Messias. E Deus nos falou e nos fala a cada um, de maneira eminente, por meio da Sagrada Escritura: “nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles”[4]. Por isso, “a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem; porque a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”[5]. As palavras da Bíblia não só são inspiradas por Deus, como também inspiradoras *de* Deus.

De maneira especial ouvimos a Deus nos Evangelhos, que recolhem as palavras e atos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim enfatiza o autor da Carta aos Hebreus: “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,1-2). Santo Agostinho considerava que o Evangelho era “a boca de Cristo: está sentado no Céu, mas não deixa de falar na terra”[6]. Por isso a nossa oração vive da meditação do Evangelho; lendo, meditando, relendo, gravando na memória, considerando uma e outra vez as suas palavras, Deus nos fala ao coração.

São Josemaria, seguindo a tradição da Igreja, recomendava continuamente escutar a Deus por meio da meditação dos evangelhos: “Meu conselho é que, na oração, cada um intervenha nas passagens do Evangelho, como mais um personagem. Primeiro, imaginamos a cena ou o mistério, que servirá para nos recolhermos e meditar. Depois, empregamos o entendimento para considerar este ou aquele traço da vida do Mestre: seu Coração enternecido, sua humildade, sua pureza, seu cumprimento da Vontade do Pai. Depois, contamos-lhe o que nos costuma ocorrer nessas matérias, o que sentimos, o que nos está acontecendo. É preciso permanecermos atentos, porque talvez Ele nos queira indicar alguma coisa: e surgirão essas moções interiores, o cair em si, essas reconvenções”[7]. Nosso esforço se expressa em ações concretas: *imaginar* a cena, *intervir* nas passagens, *considerar* uma característica do Mestre, *contar-lhe* o que acontece conosco... E depois vem essa possível resposta de Deus: *indicar-nos* tal coisa, *suscitar* moções interiores em nossa alma, *fazer-nos perceber* algo. Assim se

constrói o diálogo com Ele.

Em outro momento, São Josemaria também nos animava a contemplar e imitar Jesus Cristo com estas palavras: “Sê um personagem mais naquele divino enredo, e reage. Contempla os milagres de Cristo, ouve o fluxo e refluxo da multidão à sua volta, troca palavras de amizade com os primeiros Doze... Olha o Senhor nos olhos e enamora-te d’Ele, para seres outro Cristo”[8]. Contemplar, ouvir, trocar palavras de amizade, olhar... são ações que requerem despertar e fazer funcionar as nossas faculdades e sentidos, a nossa imaginação e a nossa inteligência. Porque cada um de nós está ali, em cada página do evangelho. Cada cena, cada ato de Jesus, está dando sentido e ilumina a minha vida. Suas palavras se dirigem a mim e sustentam a minha existência.

José Brage

Foto: Benjamin Davies, disponível em Unsplash.

[1] Francisco, Ex. ap. *Christus vivit*, 25/03/2019, n. 285.

[2] São Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 273; em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, pp. 352-353.

[3] Joseph Ratzinger, *O sal da terra*, p. 26.

[4] Concílio Vaticano II, Const. dog. *Dei Verbum*, n. 21. Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 2700.

[5] Concílio Vaticano II, Const. dog. *Dei Verbum*, n. 25. Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 2653.

[6] Santo Agostinho, *Sermão* 85, 1.

[7] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 253.

[8] São Josemaria, anotações de uma meditação, 12-X-1947; em *Enquanto nos falava pelo caminho*, pg. 38.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (7): Procurando a conexão

· Outros artigos da série "Conhecê-lo e conhecer-te".

No século passado falou-se muito sobre a suposta existência de um *telefone vermelho* que permitia que os dirigentes de duas grandes potências mundiais se comunicassem, embora elas estivessem a milhares de quilômetros de distância entre si. A possibilidade de poder falar de imediato com pessoas tão afastadas causou muita surpresa. Eram ainda inimagináveis os dispositivos móveis que hoje conhecemos. Referindo-se a este artefato, em 1972 São Josemaria disse que nós temos “uma linha direta com Deus Nosso Senhor, muito mais direta (...). Ele é tão bom que está sempre disponível, não nos faz esperar”[1].

Pela fé sabemos que o Senhor está sempre do outro lado da linha. Quantas vezes, no entanto, experimentamos dificuldades para ouvi-lo ou para ser constantes nos tempos de oração que nos propusemos! Algumas pessoas expressam essas dificuldades dizendo que não “conseguem conectar-se com Deus”. Trata-se de uma experiência dolorosa que pode levar ao abandono da oração. Provavelmente nós também a teremos vivido. Às vezes, por muito empenhados que estejamos, inclusive durante anos, persiste a sensação de não saber conversar com Deus: embora tenhamos a certeza de ter uma linha direta com Ele, só conseguimos um monólogo interior, não chegamos a essa intimidade por que tanto ansiamos.

O Papa Francisco nos alenta a “manter a conexão com Jesus, permanecer na linha com Ele (...). Assim como você se preocupa em não perder a conexão com a Internet, cuide para que sua conexão com o Senhor permaneça ativa, o que significa não interromper o diálogo, escutá-lo, contar-lhe as suas coisas”[2]. Como manter-nos despertos do outro lado da linha? O que podemos fazer para que a nossa oração seja um diálogo? Qual é o caminho para continuar crescendo na intimidade com o Senhor com o passar dos anos?

Ele os observa da margem

Depois da Ressurreição, os discípulos vão para a Galileia, como o Senhor tinha indicado às santas mulheres: “Lá me verão” (Mt 28, 10). Está amanhecendo. Pedro e João, acompanhados por outros cinco, remam rumo à margem depois de uma noite de pesca infrutífera. Jesus os observa da margem (cfr. Jo 21, 4). De modo semelhante ao que acontece naquela cena, ao começar a orar, nós nos colocamos na presença de Jesus, sabendo que Ele está nos esperando; olha-nos da margem em atitude de espera e de escuta. Imaginar que o olhar do Senhor pousa sobre nós ajudar-nos-á durante todo o tempo da oração. Nós também queremos olhar para Ele: “Que eu te veja: eis o núcleo da oração”[3]. Na origem do diálogo com Deus, há efetivamente um cruzar de olhares entre duas pessoas que se amam: “Olhar a

Deus e deixar-se olhar por Deus: isto é rezar”[4].

Mas também desejamos ouvir as suas palavras, perceber quanto nos ama e saber o que deseja. Os discípulos não haviam pescado nada, mas Jesus lhes fala, dá-lhes instruções para não voltarem com as mãos vazias: “Lançai a rede à direita do barco e achareis” (Jo 21, 6). As boas conversas dependem muitas vezes da sintonia nas primeiras palavras. Da mesma forma, os primeiros minutos de oração são importantes porque marcam uma pauta para os minutos restantes. O empenho em começar a conversa ajudar-nos-á a manter vivo o diálogo posterior com mais facilidade.

Até esse momento, os que estavam na barca hesitavam. Quando viram as redes cheias de peixes, quando perceberam que ter começado aquele diálogo com Jesus fora mais eficaz do que tantas horas de esforço solitário, João diz a Pedro: “É o Senhor!” (Jo 21, 7). Esta certeza já é um começo de oração: o Senhor está aqui, ao nosso lado, diante do tabernáculo ou em qualquer outro lugar.

Como o Espírito Santo permitir

Arrastando a barca, que estava pesada por causa das redes cheias, os discípulos chegam à margem. Lá encontram um inesperado café da manhã composto de pães e peixes na brasa. Sentam-se em volta do fogo e comem em silêncio. Nenhum “ousou perguntar-lhe: Quem és tu, pois bem sabiam que era o Senhor” (Jo 21, 12). A iniciativa da conversa recai sobre Jesus. A chave na oração é, sem dúvida, deixar Deus atuar, mais do que o esforço do próprio coração. Quando perguntaram a São João Paulo II como era a sua oração, ele respondeu: “Seria necessário perguntá-lo ao Espírito Santo! O Papa reza assim como o Espírito Santo lhe permite rezar”[5]. O elemento mais importante é o *Você*, porque é Deus que tem a iniciativa.

Depois de nos colocarmos na presença de Deus, é necessário *fazer cessar os ruídos* e buscar um silêncio interior que implica certo esforço. Assim será mais fácil ouvir a voz de Jesus que nos pergunta: “Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?” (Jo 21, 5); e nos indica: “trazei aqui alguns dos peixes” (Jo 21, 10); ou nos pede amavelmente: “segue-me” (Jo 21, 19). Por isso o Catecismo da Igreja indica que é necessária uma luta para *desconectar-se para conectar-se* e assim, conversar com Deus na solidão do nosso coração[6]. Os santos repetiram muitas vezes este conselho: “Deixe um momento as suas ocupações habituais; entre um instante em você mesmo longe do tumulto dos seus pensamentos. Lance para fora de si as preocupações aflitivas; afaste as suas inquietações (...). Entre no aposento da sua alma; exclua tudo, exceto Deus e o que possa ajudá-lo para procurá-lo; e assim, fechadas todas as portas, vai atrás dele. Diga, pois, minha alma, diga a Deus: ‘busco teu rosto; Senhor, anelo por ver teu rosto’ (Sl 27,8)”[7].

Isso nem sempre será simples, porque as tarefas e preocupações puxam fortemente a nossa memória e imaginação e podem preencher a nossa interioridade. Não existe, certamente, uma varinha mágica, porque as distrações são normalmente inevitáveis e é difícil manter uma atenção contínua. São Josemaria aconselhava convertê-las em tema de conversa com Jesus aproveitando “para pedir pelo objeto dessa distração, por aquelas pessoas e deixar o Senhor atuar, Ele que tira sempre o que quer de cada flor”[8]. Constitui também ajuda

eficaz procurar bons momentos e lugares propícios; ainda que se possa orar em todo lugar, nem todas as circunstâncias facilitam o diálogo ou expressam da mesma forma os desejos sinceros de orar.

A oração introdutória: conexão

Com o objetivo de facilitar a *conexão*, São Josemaria recomendava uma oração introdutória que costumava utilizar[9]. Nessas palavras, ensina-nos a começar com um ato de fé e com uma disposição humilde: “Creio que estás aqui”, “adoro-te com reverência”. É simplesmente um modo de dizer a Jesus: “Vim estar com você, quero conversar e desejo que você também fale comigo; dedico a você estes momentos com o desejo de que este encontro me ajude a unir-me mais à sua vontade”. Ao dizer “creio firmemente” estamos expressando uma realidade, mas também um desejo; pedimos ao Senhor que aumente a nossa fé, porque sabemos que “a fé outorga asas à oração”[10]. E esse ato de fé nos leva imediatamente à adoração com a qual reconhecemos, por um lado, a sua grandeza e, ao mesmo tempo, manifestamos a nossa decisão de nos abandonarmos em suas mãos. A seguir, reconhecemos as nossas debilidades pedindo perdão e graça, porque “a humildade é o fundamento da oração”[11]. Nós nos sabemos pequenos diante da sua grandeza, carentes de recursos próprios. A oração é um dom gratuito que o homem deve pedir como um mendigo. São Josemaria concluía, por isso, que “a oração é a humildade do homem que reconhece a sua profunda miséria”[12].

Crer, adorar, pedir perdão e ajuda: quatro movimentos do coração que nos abrem para uma *boa conexão*. Repetir serenamente esta oração introdutória, saboreando palavra por palavra, pode ajudar-nos. Talvez convenha repeti-la várias vezes até que a nossa atenção fique focada no Senhor. Pode servir-nos igualmente construir uma oração introdutória personalizada e usá-la quando estivermos mais secos ou dispersos. Em geral, se encontrarmos a nós mesmos distraídos ou com a mente vazia, vale a pena repetir devagar uma oração vocal (o Pai Nosso ou a que mais nos tocar nesse momento) para fixar a atenção e acalmar a alma: uma, duas, três vezes, cuidando a cadência, parando nas palavras ou mudando alguma delas.

Uma fogueira acesa: diálogo

Essa conexão inicial antecede o núcleo da oração, esse “diálogo com Deus, de coração a coração, em que intervém a alma toda: a inteligência e a imaginação, a memória e a vontade”[13]. Voltando a aquele amanhecer no qual os discípulos continuavam surpresos pela pesca milagrosa, vemos Jesus acender um fogo para aquecer o que preparou. Podemos imaginar como o faria, evitando o que não pegaria fogo. Da mesma forma, se consideramos a oração como uma pequena fogueira que desejamos ver crescer, precisamos encontrar em primeiro lugar um *combustível* adequado.

O combustível que alimenta a fogueira normalmente é o conjunto de tarefas de que nos ocupamos e as nossas circunstâncias pessoais: o *tema* do diálogo é a nossa própria vida. As nossas alegrias, tristezas e preocupações, são o melhor resumo do que temos no coração. Com palavras simples, a nossa conversa acompanha o acontecer diário, como podemos imaginar que aconteceu naquele café da manhã pascal. Muitas vezes, inclusive, começará com um: “Senhor, não sei!”[14]. Além disso, a oração cristã não se limita a abrir a própria intimidade a Deus, já que de

um modo especial alimentamos a fogueira com a própria vida de Cristo. Falamos com Deus também sobre Ele, a sua passagem pela terra, os seus desejos de redenção. Ao lado de tudo isso como nos sentimos responsáveis por nossos irmãos, “o cristão não deixa o mundo fora do seu quarto, mas leva em seu coração pessoas e situações, os problemas, tantas coisas”[15].

A partir daqui, cada um procurará modos de orar que sirvam melhor para si mesmo. Não existem regras fixas. Indubitavelmente seguir um certo método permite-nos saber o que fazer até que a iniciativa de Deus se faça sentir. Assim, por exemplo, para algumas pessoas, é bom ter um plano flexível de oração ao longo da semana. Às vezes, escrever o que dizemos oferece muitas vantagens para não nos distrairmos. A oração será de uma forma em períodos de trabalho intenso e de outra em épocas mais tranquilas; irá também ao compasso do tempo litúrgico em que está a Igreja. Há muitos caminhos que se abrem para nós: mergulhar na contemplação do Evangelho buscando a Humanidade Santíssima do Senhor ou meditar em um tema com a ajuda de um bom livro, com a consciência de que a leitura facilita o exame; haverá dias de mais petição, louvor ou adoração; rezar com sossego jaculatórias é um bom caminho para momentos de agitação interior; outras vezes ficaremos calados, sabendo-nos olhados carinhosamente por Cristo ou por Maria. Enfim, seja qual for o caminho pelo qual o Espírito Santo nos tenha levado, tudo nos leva a “conhecê-lo e conhecer-se”[16]

O vento e as folhagens

Além de um bom combustível, convém ter em conta os obstáculos que podemos encontrar para manter viva a chama: o *vento* da imaginação que tenta apagar a débil chama inicial e a *folharada úmida* das pequenas misérias que tentaremos queimar.

A imaginação tem, sem dúvida, um papel importante no diálogo e será preciso contar com ela especialmente quando contemplamos a vida do Senhor. Mas ela é, ao mesmo tempo, a *louca da casa* e a que costuma ser a voz que canta em nossos mundos de fantasia. Deixar a imaginação excessivamente solta e sem controle é fonte de dispersão. Daí a necessidade de afastar os ataques do vento que quer apagar o fogo e, ao mesmo tempo, alentar aqueles que ajudam a avivá-lo. Há um detalhe significativo no encontro do Ressuscitado com seus discípulos nas margens do Tiberíades. Só um deles esteve no Calvário, São João, e é ele precisamente quem reconhece o Senhor. O contato com a Cruz purificou o seu olhar: tornou-se mais fino e preciso. A dor abre o caminho da oração; a mortificação interior leva a imaginação a avivar a fogueira, evitando que se transforme num vento descontrolado que a sufoque.

Finalmente, devemos ter em conta a *umidade da folhagem*. Em nosso interior há um submundo de más recordações, pequenos rancores, susceptibilidades, invejas, comparações, sensualidade e desejos de sucesso, que nos focam em nós mesmos. A oração nos leva precisamente na direção contrária: a esquecer do eu para nos concentrarmos n’Ele. Precisamos ventilar esse fundo afetivo na nossa oração, levando essa umidade à luz, colocando-a diante do sol que é Deus e dizendo: “Olha isto, e isto, que é tão ruim, deixo-o diante de você, Senhor: purifique-o”. Pedir-lhe-emos então ajuda para perdoar, esquecer, alegrar-nos com o bem alheio; para ver o lado positivo das coisas, repelir as tentações ou agradecer as humilhações. Desta

forma evaporar-se-á a umidade que poderia dificultar a nossa conversa com o Senhor.

Um desejo que continua

Conexão, diálogo e balanço. A parte final da oração é tempo de *represar*, de saber o que levamos dela. Isso levava São Josemaria a pensar nos “propósitos, afetos e inspirações”[17]. Depois do diálogo com Deus brota com simplicidade um desejo de melhora, de cumprir sua vontade. Esse desejo, dizia Santo Agostinho, já é uma boa oração: enquanto você continuar desejando, continuará orando[18]. Essas intenções poderão algumas vezes plasmar-se em propósitos que, frequentemente, serão concretos e práticos. De qualquer forma, a oração serve de impulso para viver na presença de Deus nas horas seguintes. Poderá ter havido afetos com maior ou menor vivacidade; nem sempre são importantes embora, se não houvesse afetos, teríamos que descobrir onde está habitualmente nosso coração. É claro que não se trata necessariamente de emoções sensíveis, porque os afetos também podem ser suscitados pelos tranquilos desejos da vontade, como quando se *quer querer*.

As inspirações são luzes de Deus que convirá anotar, porque nos ajudarão muito em futuros tempos de oração. Com o tempo, poderão ser um bom combustível que desperte a alma em momentos mais áridos ou nos quais estejamos pouco lúcidos ou apáticos. Embora, quando vislumbramos essas inspirações, possa parecer-nos que nunca as esqueceremos, o tempo desgasta a memória. Por isso convém anotá-las quando estão quentes e se escrevem com uma viveza singular: “Essas palavras que te feriram durante a oração, grava-as na memória e recita-as pausadamente muitas vezes ao longo do dia”[19].

Não nos esqueçamos da ajuda que nos oferecem os aliados do céu. Ao sentir-nos fracos, recorremos aos que estão mais perto de Deus. Podemos fazê-lo tanto no começo como no fim e também quando notarmos a dificuldade para manter viva a chama. Especialmente estará presente nossa Mãe, seu esposo José e o anjo da guarda que nos “trará santas inspirações”[20].

José Manuel Antuña

[1] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 8/11/1972.

[2] Francisco, Ex. ap. *Christus vivit*, n. 158.

[3] Bento XVI, Audiência, 4/05/2011.

[4] Francisco, Audiência, 13/02/2019.

[5] São João Paulo II, *Cruzando o limiar da esperança*, Livraria Francisco Alves editora, Rio de Janeiro, 1994, p. 39.

[6] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 2725.

[7] Santo Anselmo, *Proslogion*, cap. 1.

[8] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 21/02/1971.

[9] Eis a oração: “Meu Senhor e meu Deus: creio firmemente que estás aqui, que me vês, que me ouves. Adoro-te com profunda reverência. Peço-te perdão dos meus pecados e graça para fazer com fruto este tempo de oração. Minha Mãe Imaculada, São José, meu pai e senhor, meu anjo da guarda, intercedei por mim”.

[10] São João Clímaco, *A escada do Céu*, degrau 28.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2559.

[12] São Josemaria, *Sulco*, n. 259.

[13] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 119.

[14] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 244.

[15] Francisco, *Audiência*, 13/02/2019.

[16] São Josemaria, *Caminho*, n. 91.

[17] Eis a oração final completa que São Josemaria recomendava: “Dou-te graças, meu Deus, pelos bons propósitos, afetos e inspirações que me comunicaste nesta meditação. Peço-te ajuda para os pôr em prática. Minha Mãe Imaculada, São José meu pai e senhor, meu anjo da guarda intercedei por mim”.

[18] Cfr. Santo Agostinho, *Enarrat. In Os. 37, 14*.

[19] São Josemaria, *Caminho*, n. 103.

[20] São Josemaria, *Caminho*, n. 567.

Photo by: Eddy Billard on Unsplash

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (8): No tempo oportuno

Quando a viu entrar em sua casa, Isabel compreendeu que Maria já não era uma criança. Tinha-a provavelmente visto nascer e crescer, especial como ela era já desde muito pequena. Haviam depois vivido longe uma da outra. Ao vê-la agora no dintel de sua casa, encheu-se de alegria. O evangelista diz que ela exclamou “em alta voz”: “Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe do meu Senhor?” (Lc 1,43). Tratava-se de um gozo profundo, que surgia de uma vida repleta de oração. Tanto ela como Zacarias eram considerados santos – justos – segundo a Escritura e as pessoas observavam-nos com certa admiração (cfr. Lc 1,6). Só eles, no entanto, sabiam tudo o que havia atrás de tantos anos vividos junto de Deus: tratava-se de experiências que tinham muito de incomunicável, como acontece com todos. O gozo de Isabel surgia de um passado cheio de dor e esperança, de dissabores e reencontros, no qual tudo ia tornando cada vez mais profunda a sua relação com Deus. Só ela conhecia o desconcerto que o fato de não poder ser mãe havia criado nela, quando essa bênção era o que mais esperava uma mulher em Israel. O Senhor tinha, porém, querido fazê-la passar por isso para elevá-la a uma intimidade maior com Ele.

Uma petição que é ouvida

A nossa relação com Deus, a nossa oração, tem também sempre algo de único, de incomunicável, como a de Isabel; tem algo da ave solitária (Cfr. Sl 102, 8) que, como dizia São Josemaria, Deus pode fazer subir como as águias, até ver o sol face a face. Só Ele sabe quais são os tempos e momentos adequados para cada um. Deus deseja essa *intimidade divinizadora* conosco muito mais do que podemos imaginar. Mas o fato de que só Ele conhece os tempos – como conhecia o momento oportuno para que João Batista nascesse – não impede que cada um de nós possa aspirar, em cada instante, a uma intimidade maior com o Senhor. Não impede tão pouco que a peçamos constantemente, buscando o mais alto, esticando o pescoço entre as pessoas para ver Jesus que passa, ou se for necessário, subindo a uma árvore como Zaquê. Podemos imaginar que Isabel elevou o seu coração muitas vezes a Deus e impulsionava o seu marido a fazer o mesmo, até que Deus finalmente ouviu: “Tua oração foi ouvida: tua mulher Isabel te dará um filho e lhe porás o nome de João” (Lc 1,14).

Para Isabel, aquilo que acabaria por ser uma oração confiada no Senhor teve que passar pelo forno purificador do tempo e das adversidades. Já estava no entardecer de sua vida, e Deus continuava oculto num aspecto crucial: por que parecia que Ele não tinha ouvido a sua petição de tantos anos? Por que não lhe tinha dado um filho? Será que nem sequer o sacerdócio do seu marido era suficiente? Naquela necessidade que expunha, na debilidade orante ou no aparente silêncio de Deus, a sua fé, a sua esperança e a sua caridade se purificaram; porque ela não só perseverou, mas deixou-se transformar cada dia, aceitando sempre e em tudo, a vontade do Senhor. Talvez precisamente a

identificação com a Cruz – à qual Isabel, de alguma forma, se antecipava – seja o melhor modo de comprovar a autenticidade da nossa oração: “Não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 24,42). Se os justos da antiga aliança viveram nessa aceitação e depois Jesus fez dessa atitude para com o Pai o motivo da sua vida inteira, também nós, cristãos, somos chamados a unir-nos a Deus deste modo; sempre é tempo oportuno para rezar assim: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra” (Jo 4, 34).

Momento de recordar

Talvez a própria Isabel tenha mantido acesa a chama da oração do velho Zacarias, até que finalmente um anjo apareceu a seu marido: a ela, àquela que chamavam estéril, o Senhor daria um filho, porque para Deus não há nada impossível (Lc 1, 36). Assim, deixando-se levar *per aspera ad astra* – depois de uma tarefa de purificação imprescindível que Ele realiza em quem permite – Isabel chegou a exclamar em oração o que, passados tantos anos, continuamos repetindo diariamente: “Bendita tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre!” (Lc 1, 42).

Saber que nosso caminho rumo a Deus implica uma identificação profunda com a Cruz é essencial para dar-nos conta de como às vezes o que é na verdade avanço parece estancamento. Assim, em vez de ficar esperando tempos melhores, ou uma oração mais de acordo com nosso gosto, aceitaremos com agradecimento o alimento que Deus nos quiser dar: “Se olharmos à nossa volta, perceberemos que existem muitas *ofertas de alimentos* que não vêm do Senhor e que aparentemente satisfazem mais. Alguns se nutrem do dinheiro, outros do êxito e da vaidade, outros do poder e do orgulho. O alimento que nos nutre verdadeiramente, porém, e que nos sacia é apenas o que nos dá o Senhor. O alimento que o Senhor nos oferece é diferente dos outros, e talvez não nos pareça tão apetitoso como os que o mundo oferece. Sonhamos então com outros alimentos, como os judeus no deserto que sentiam saudades da carne e das cebolas que comiam no Egito, esquecendo, porém, que esses alimentos eram comidos na mesa da escravidão. Naqueles momentos de tentação, tinham memória, mas tratava-se de uma memória enferma, seletiva. Uma memória escrava, não livre”[1]. Por isso convém que nos perguntemos: De onde eu *quero comer*? Qual é a minha memória? A do Senhor que me salva ou a da carne, dos alhos e das cebolas da escravidão? Com que memória sacio minha alma? Quero comer alimento sólido ou continuar alimentando-me de leite? (Cfr. 1 Co 3, 2).

Na vida pode vir a tentação de olhar para trás e desejar, como acontecia com os israelitas, os alhos e as cebolas do Egito. O maná, alimento que na época viam como benção e sinal de proteção (cfr. Nm 21, 5), chegou a cansá-los. Como pode acontecer conosco, sobretudo se nos deixamos esfriar, descuidando o abecedário elementar da oração: procurar o recolhimento, cuidar dos detalhes de piedade, escolher o melhor momento, ter carinho... É então, com mais razão, o momento de recordar, de fazer memória, de buscar na oração e nas leituras espirituais esse alimento sólido de que fala São Paulo, um alimento que abre horizontes de vida.

Como se fôssemos atraídos pela força de um ímã

Fazer memória na oração é muito mais que uma simples recordação: tem a ver

com o conceito de “memorial” próprio da religião de Israel: ou seja, trata-se de um acontecimento salvífico que traz até o momento presente a obra da redenção. A oração *memoriosa* é um conversar novo sobre o já conhecido, uma recordação do passado que se percebe outra vez de modo presente. Entendemos e vivemos cada vez de modo diferente os episódios centrais da nossa relação com Deus. Talvez tenha acontecido assim com Isabel quando, a partir da sua maternidade recém-adquirida, percebeu de modo novo a que Deus a destinava.

Com o passar dos anos, ao compasso de nossa entrega e das nossas resistências, o Senhor vai mostrando-nos as diferentes profundidades do seu mistério. Ele quer nos elevar muito alto, como numa espiral que vai ascendendo lentamente, dando voltas e mais voltas. É verdade que podemos não subir e permanecer fazendo círculos na horizontal, ou que podemos descer estrepitosamente ou inclusive sair pela tangente e abandonar o nosso trato com nosso Criador... mas Ele não esmorece em seu empenho para levar a cabo o seu plano de escolha e de justificação, de santificação e de glorificação (cfr. Rm 8, 28-30).

São Josemaria descreve esse processo, como tantos outros autores, com enorme realismo e beleza. A alma “vai rumo a Deus, como o ferro atraído pela força do ímã. Começamos a amar a Jesus de forma mais eficaz, com um doce sobressalto”[2]. Quando meditamos nos mistérios da filiação divina, a identificação com Cristo, o amor à Vontade do Pai, a ambição de sermos corredutores... e intuímos que tudo isso é um dom do Espírito Santo, calibramos melhor a nossa dívida com Ele. E então cresce em nós impetuosamente o agradecimento. Despertamos para as suas moções, que são muito mais frequentes do que pensamos: “São, podem muito bem ser fenômenos ordinários de nossa alma: uma loucura de amor que, sem espetáculo, sem extravagâncias, nos ensina a sofrer e a viver”[3].

Assim, com assombro, vai-se revelando para nós a imensidade do amor de Deus que recebemos durante toda a nossa vida: dia após dia, ano após ano... desde o seio materno! “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou seu Filho como vítima propiciatória por nossos pecados”(1 Jo 4, 10). Surpresos, nos descobrimos imersos em um amor fascinante, cuidadoso, que desarma. Assim acontece com Isabel: “Lançou os olhos sobre mim para tirar o meu opróbrio dentre os homens” (Lc 1, 25). Depois de anos de obscuridade, toma consciência de ser amada infinitamente por aquele que é a fonte de todo amor, e isto de um modo que nem merece, nem é capaz de avaliar plenamente, ao qual nem consegue corresponder: “Quem sou eu para que me visite a mãe do meu Senhor?” (Lc 1, 3); como é possível que Deus me ame tanto? E também, com um pouco de perplexidade e dor: Como não tinha percebido antes? No que eu estava pensando?

Toda boa oração prepara o coração para saber o que pedir (cfr. Rm 8, 26) e para receber o que pedimos. Viver cada detalhe de piedade, grande ou pequeno, com um pouco de amor a Deus, facilita o caminho. Chamar a Jesus pelo seu nome, carinhosamente, manifestando-lhe o nosso amor sem pudor, aproxima o momento. Devemos insistir e responder com prontidão aos pequenos toques do amor. Fazer “memória das coisas belas, grandes, que o Senhor fez na vida de cada um de nós”, pois uma oração *memoriosa* “faz muito bem ao coração cristão”[4]. Por isso São Josemaria em sua pregação costumava recomendar: Que cada um de

nós “medite no que Deus fez por ele”[5].

Deus é tudo e isso basta

Tantas vezes, Isabel voltaria a considerar o que o Senhor tinha feito com ela. Como a sua vida se tinha transformado! E como ela deve ter se tornado! Desde então, todo o seu comportamento adquire uma riqueza singular. Esconde-se durante meses por pudor, como fizeram os profetas, para evidenciar com gestos a ação divina (Cfr. Lc 1, 24); adquire também maior clareza para seguir os seus desígnios: “Não, vai chamar-se João (Lc 1, 60). É ainda capaz de vislumbrar a ação divina em sua prima: “Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!” (Lc 1, 45). Isabel se comporta como quem conversa com Deus com o coração.

Em nossa oração, deve haver também amor e luta, louvor e reparação, adoração e petição, afetos e intelecto. É necessário atrever-se com todas as letras do alfabeto, com todas as notas da escala musical, com toda a gama de cores, porque já entendemos que não se trata de cumprir, e sim de amar com todo o coração. As práticas de piedade, as pessoas, os afazeres de cada dia... são os mesmos de antes, mas já não se vivem do mesmo modo. Cresce assim a liberdade de espírito, a “capacidade e atitude habitual de agir por amor, especialmente no empenho de seguir, em cada circunstância, o que Deus pede a cada um”[6]. O que antes parecia uma pesada obrigação converte-se numa ocasião de encontro com o Amor. Vencer-se continua custando, mas tal esforço se leva a cabo com alegria.

Diante da infinidade do amor que se descobriu e da pobre correspondência humana, o coração se desmancha numa profunda oração de desagravo e de reparação; surge uma dor que vem dos próprios pecados e que move a uma contrição pessoal. Cresce a convicção de que “Deus é tudo, eu não sou nada. E por hoje basta”[7]. Assim podemos expulsar de nós tantos escudos que dificultam o nosso contato com Ele. Surge também o agradecimento sincero, profundo e explícito ao Senhor, que se torna adoração, ao “reconhecê-lo como Deus, como o Criador e o Salvador, o Senhor e Dono de tudo o que existe, o Amor infinito e misericordioso”[8]. Convém por isso empregar todas as teclas do coração. Para que a oração seja variada, enriquecedora, para que não vá por caminhos gastos; quer o sentimento acompanhe, quer não, porque o que experimentamos de Deus não é ainda Deus: Ele é infinitamente maior.

Rubén Herce

[1] Francisco, Homilia na solenidade de Corpus Christi, 19-VI-2014.

[2] São Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 296.

[3] *Ibid.*, n. 307.

[4] Francisco, Homilia em Santa Marta, 21-IV-2016.

[5] *Amigos de Deus*, n. 312.

[6] Do Padre, *Carta*, 9/01/2018, n. 5.

[7] São João XXIII, *Il giornale dell'anima*, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma, 1964, p. 110.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, 2096.

Foto: Anne Nygard, disponível em Unsplash

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (9): Não tenhas medo, eu estou aqui

Seis séculos aproximadamente antes do nascimento de Jesus, o povo judeu estava dominado pela Babilônia. Muitos deles tinham sido levados prisioneiros para terra estrangeira. As promessas antigas pareciam desvanecer-se. A tentação de pensar que tudo havia sido um sonho era muito próxima. Neste contexto, surgem textos proféticos sobre a libertação do povo e, especialmente, oráculos de grande profundidade espiritual nos quais Deus manifesta sua proximidade em todos os momentos. “Não temas”, repete com frequência: “Se tiveres de atravessar a água, estarei contigo. E os rios não te submergirão, se caminhares pelo fogo, não te queimarás, e a chama não te consumirá” (Is 43, 1-2). E continua mais à frente: “Não tenhas medo, estou contigo! (...). Traze meus filhos das longínquas paragens, e minhas filhas dos confins da terra” (Is 43, 5-6).

Um estribilho constante

No Novo Testamento, logicamente, não desaparece essa chamada a confiar em Deus, não cessa esse consolo em meio às inquietações da vida. Algumas vezes o Senhor se serve dos seus anjos, como quando se dirige a Zacarias, esposo de Santa Isabel, no dia em que ele entrou no santuário para oferecer incenso; eram já um casal idoso e não tinham conseguido ter filhos até aquele momento. “Não temas porque tua oração foi ouvida” (Lc 1, 13), diz-lhe o anjo. Os mensageiros tinham levado um anúncio similar tanto a São José, quando ele não sabia se devia ou não receber Maria em sua casa (Cfr. Mt 1, 20), quanto aos pastores quando tiveram medo ao serem informados de que Deus queria que fossem os primeiros a adorar o Menino Jesus recém-nascido. Esta e outras muitas ocasiões são uma mostra de que o Senhor sempre quer acompanhar-nos nas decisões importantes da nossa existência.

Mas não só os profetas e os anjos são portadores desse “não temas”. Quando o próprio Deus se fez homem, foi ele mesmo que pessoalmente continuou com esse estribilho em meio aos caminhos da vida daqueles que o rodeavam. Com aquelas mesmas palavras, Jesus anima os seus ouvintes a não se deixarem invadir pela preocupação com o alimento ou a roupa, mas a preocuparem-se, sobretudo pela alma (cfr. Mt 10, 31); é Cristo também que quer levar paz ao chefe da sinagoga que havia perdido a filha, mas não a fé (cfr. Mt 5, 36), sossegar os seus apóstolos quando, depois de uma noite de tormenta, veem-no aproximar-se caminhando sobre as águas (cfr. Jo 6, 19), ou tranquilizar os três – Pedro, João e Tiago – que viram a sua glória no Tabor (cfr. Mt 17, 7). Deus procura sempre ir ao encontro desse temor, natural diante das manifestações normais ou extraordinárias de suas ações.

São Josemaria também notava essa reação divina ao recordar um acontecimento especial em sua vida interior. Concretamente, quando em um dia de verão de

1931, enquanto celebrava a santa Missa, compreendeu de um modo especialmente claro que os homens e mulheres comuns é que levantariam a cruz de Cristo em todas as atividades humanas. “Habitualmente, perante do sobrenatural, tenho medo. Depois vem aquele *ne timeas*, sou Eu”[1]. Esse temor não aparece somente diante dessas ações singulares da graça. Aparece também, de diferentes modos, na vida cristã normal; por exemplo, quando Deus nos faz vislumbrar a grandeza do seu amor e da sua misericórdia, quando compreendemos um pouco melhor a profundidade da sua entrega na cruz e na Eucaristia, ou quando ouvimos o convite para segui-lo mais de perto... e ficamos inquietos com as consequências que essas graças podem provocar em nossa vida.

Mais forte que qualquer dúvida

A oração, enquanto estivermos na terra, é um combate[2]. É dramático que os desejos mais nobres do coração humano – como viver em comunicação com nosso próprio criador – tenham sido parcialmente desfigurados e desviados pelo pecado. Nossos anseios de amizade, amor, beleza, verdade, felicidade ou paz estão unidos, em nossa situação atual, ao esforço por superar erros, à dificuldade para vencer algumas resistências. E essa condição geral da vida humana dá-se igualmente nas relações com o Senhor.

No início da vida de piedade, muitos se assustam por pensar que não sabem fazer oração, ou ficam confusos diante dos fracassos, das inconstâncias e da desordem que podem aparecer no princípio de qualquer tarefa. Intui-se, então, que aproximar-se do Senhor significa *encontrar a Cruz*; não deve surpreender que cheguem a dor, a solidão, as contrariedades[3]. Teme-se também que, com o passar dos anos, o Senhor permita provas e obscuridades que exijam mais do que podemos oferecer. Ou se olha com nervosismo a possibilidade de ser invadidos pela rotina e, no final, tenhamos que nos conformar com uma relação com Deus medíocre.

Essas palavras – “não temas” – que Zacarias, José, os pastores, Pedro, João, Tiago e tantos outros ouviram, também se dirigem a cada um de nós ao longo de toda a nossa vida. Recordam-nos que, na vida da graça, o decisivo não é o que nós fazemos e sim o que o Senhor realiza. “A oração é um trabalho de parceria entre Jesus e cada um de nós”[4]. E nesta tarefa o protagonista principal não é a criatura, que procura estar atenta à ação de Deus, e sim o Senhor e a sua ação na alma. Entendemos isso facilmente quando Deus abre para nós horizontes novos, quando desperta sentimentos de agradecimento ou nos convida a tomar trilhas de santidade... Deveríamos continuar a ter essa mesma confiança quando surgem as dificuldades, quando sentimos a nossa pequenez e parece que a escuridão nos envolve por todos os lados.

“Sou eu, não temais”. Jesus, assim como entendia as dificuldades, confusões, medos e dúvidas daqueles que queriam segui-lo, continua entendendo cada um de nós. Nosso empenho por viver a seu lado é sempre menor do que o dele por estar perto de nós. Ele está empenhado em que sejamos felizes e é suficientemente forte para realizar esse seu desígnio, contando inclusive com as nossas fragilidades.

Disposições que ajudam a orar

Por nosso lado, temos que fazer o possível por empreender autênticos caminhos de oração. Embora a conversa com os outros pareça espontânea ou natural, na realidade aprendemos a falar – e descobrimos atitudes elementares do diálogo – com a ajuda de outros, muito lentamente. O mesmo acontece com o trato com Deus, porque “a oração deve vingar pouco a pouco na alma, como a pequena semente que se converterá mais tarde em árvore frondosa”[5]. E por isso é compreensível que os discípulos tenham pedido a Jesus que lhes ensinasse a orar (Cfr. *Lc* 12, 1).

Entre as atitudes fundamentais para entrar em uma vida de oração estão a fé e a confiança, a humildade e a sinceridade. Quando oramos com uma disposição errada – por exemplo, quando não queremos emendar o que nos afasta de Deus ou quando não estamos dispostos a renunciar à nossa autossuficiência – corremos o risco de tornar a oração estéril. É verdade que essas atitudes errôneas são frequentemente inconscientes. Se buscamos um modelo errôneo de eficácia para a nossa oração, tão frequente em nossa cultura, também é fácil cair na armadilha de medir nossa relação com o Senhor apenas pelos resultados que se percebem e que, no final, custe-nos encontrar tempo para rezar.

Entre essas disposições íntimas para orar, são singularmente essenciais as que se referem à confiança no Senhor. Apesar da sua boa vontade, certas *lacunas* na formação levam muitas pessoas a viver com uma noção errada de Deus e de si mesmas. Às vezes podem imaginar que Deus é um juiz rígido, que exige uma conduta perfeita; outras vezes podem pensar que devemos receber o que pedimos tal e como queremos; ou que os pecados são uma barreira intransponível para alcançar um trato sincero com o Senhor. Embora possa parecer óbvio, precisamos construir a nossa vida de oração sobre o fundamento seguro de algumas verdades nucleares da fé. Por exemplo, que Deus é um Pai amoroso que sente prazer com o nosso trato; que a oração é sempre eficaz porque Ele atende nossas súplicas embora os seus caminhos não sejam os nossos; ou que as nossas ofensas são precisamente ocasião para aproximar-nos de novo de nosso salvador.

Presentear Deus com as nossas dificuldades

“Não sabes orar? – Põe-te na presença de Deus, e logo que começares a dizer: ‘Senhor, não sei fazer oração!...’, podes ter certeza de que começaste a fazê-la”[6]. Como fez com os apóstolos o Senhor vai nos ensinando pouco a pouco a crescer nessas atitudes íntimas se não nos escondemos no monólogo interior nem numa oração anônima, alheia a nossos desejos e preocupações reais[7].

Como acontecia com eles, as nossas relações com o Senhor avançam em meio das nossas próprias debilidades. A falta de tempo, as distrações, o cansaço ou a rotina são habituais na oração, de modo semelhante ao que acontece também nas relações humanas. Isto exige, às vezes, cuidar da ordem, vencer a preguiça, colocar o importante acima do urgente. Outras vezes requer realismo para ajustar com delicadeza os momentos dedicados ao Senhor como tem que fazer uma mãe de família que não pode se desinteressar de seus filhos pequenos em nenhum momento. Sabemos que, às vezes, “na oração é necessária uma atenção difícil de alcançar”[8]. As preocupações, as tarefas por realizar, os estímulos das telas, nos dispersam. E o mal de tudo isto é que pode confundir o nosso próprio mundo interior: surgem as feridas do amor próprio, as comparações, os sonhos e

fantasias, os ressentimentos ou as recordações de qualquer tipo. Podemos ter a experiência de, apesar de saber-nos na presença de Deus, “fervilham-me na cabeça os assuntos nos momentos mais inoportunos”[9].

Afeta-nos também, logicamente, o cansaço físico: “O trabalho esgota o teu corpo e não consegues fazer a oração”[10]. Pode servir-nos de consolo recordar que a fadiga também adormece os apóstolos na glória do Tabor (*Lc 9,32*) ou na angústia de Getsêmani (*Lc 22,45*). E, além do cansaço físico, em nossa cultura é frequente um tipo de cansaço interior que nasce da ansiedade nas tarefas, da pressão na profissão e nas relações sociais, ou da incerteza face ao futuro... e este estado interior pode aumentar a dificuldade para meditar com serenidade.

O Senhor entende bem – de fato, muito melhor que nós – essas dificuldades. Por isso, embora nos faça sofrer porque desejaríamos um trato mais delicado com ele, muitas vezes “não importa... se não consegues concentrar-te e recolher-te”[11]. Podemos tentar falar com Jesus precisamente desses assuntos, notícias, pessoas ou recordações que ocupam a nossa imaginação. Interessa a Deus tudo o que é nosso, por trivial ou insignificante que pareça. E, com frequência, ajudar-nos-á a julgar esses assuntos, pessoas ou reações de outro modo, com sentido sobrenatural, a partir da caridade. Assim como fazem as crianças nos braços da mãe, podemos descansar nele, entregar-lhe o próprio atordoamento, refugiar-nos em seu coração para alcançar a paz.

Um empenho maior do que o nosso

Provavelmente, as dificuldades mais graves “são as astúcias do Tentador, que faz todo o possível para separar o homem da oração, da união com seu Deus”[12]. Nosso Senhor foi tentado pelo demônio no final daqueles quarenta dias de recolhimento no deserto, quando sentia a fome e a debilidade (*Mt 4, 3*). Normalmente, o maligno aproveita as nossas distrações e pecados para introduzir na alma a desconfiança, o desespero e a renúncia ao amor. Pelo contrário, como aparece constantemente no Evangelho a nossa debilidade é, na realidade, um motivo para aproximar-nos ainda mais do Senhor. E, “à medida que se avança na vida interior, percebem-se com mais clareza os defeitos pessoais”[13].

Com aparência de humildade, o demônio pode fazer-nos crer que somos indignos de tratar a Deus, que nossos desejos de entrega são aparentes e que podem esconder certa dose de hipocrisia e de falta de determinação. “Pensas que os teus pecados são muitos, que o Senhor não poderá ouvir-te”[14]. A consciência de nossa indignidade – tão valiosa em si mesma – pode então provocar um sofrimento real, mas errado, que pouco tem a ver com a dor verdadeira, e que pode fechar-nos numa atitude lamurienta, que chega inclusive a impossibilitar a oração. Evidentemente a tibieza e os pecados podem ser um obstáculo para a oração, mas não nesse sentido. O Senhor não deixa de amar-nos por grandes que sejam nossas fraquezas. Não o assustam nem o surpreendem, e não renuncia a seu desejo de que alcancemos a santidade. Mesmo que chegássemos deliberadamente a pactuar com a rotina, com o conformismo ou com a tibieza, Deus não deixaria de esperar a nossa volta.

Mas o inimigo pode também tentar “mesmo quando a alma arde inflamada no amor a Deus. Sabe que então a queda é mais difícil, mas que – se consegue que a

criatura ofenda o seu Senhor, embora em pouco – poderá lançar-lhe sobre a consciência a grave tentação da desesperança”[15]. Podem então aparecer a amargura e o desencanto. Para manter viva a esperança em todo momento, é necessário sermos realistas, admitirmos o nosso pouco valor, dar-mo-nos conta de que este suposto ideal de santidade que tínhamos em mente – uma plenitude inalcançável – é irreal. Devemos advertir que só importa agradar a Deus, e, sobretudo o que é realmente decisivo é o que o Senhor realiza com o seu amor poderoso contando com a nossa luta e com a nossa fraqueza.

A esperança cristã não é uma esperança simplesmente humana, baseada em nossas forças, ou na intuição natural sobre a bondade do criador. A esperança é um dom que nos suplanta, que o Espírito Santo infunde e renova constantemente em nós. Nesses momentos de desalento, “é o momento de clamar: Senhor, lembra-te das promessas que me fizeste, e me enchei de esperança. Isto é o que me consola no meu nada e cumula de fortaleza o meu viver”[16]. Foi Deus quem nos chamou. É Deus que está empenhado, mais do que nós, em levar-nos à união com ele e que tem o poder para consegui-lo.

Quando a escuridão é luz

Ao longo da vida, como em todas as relações duradouras, o Senhor vai nos ensinando a entendê-lo cada vez melhor e a entender-nos a nós mesmos de maneira diferente. É diferente o trato de Pedro com Jesus no princípio, em seu primeiro encontro nas proximidades do Jordão, do trato depois da sua morte e ressurreição, na margem do lago de Genesaré. Acontece assim conosco. Não deveríamos estranhar que o Senhor nos leve por caminhos divinos que não são os que tínhamos imaginado. Às vezes, ele se esconde, mesmo que o procuremos com sincera piedade, como quando as mulheres que foram ao túmulo não o encontraram (Lc 24,3). Em outros momentos, em vez disso, ele se faz presente quando estamos fechados sobre nós mesmos, como quando ele se apresenta aos apóstolos no cenáculo (Lc 24, 36). Se mantivermos a confiança, quando passar o tempo, descobriremos que aquela escuridão era luminosa, que o próprio Cristo nos abraçava solícitamente – “não temas”, nos repetia – naqueles momentos em que estávamos forjando nosso coração à medida do seu.

Jon Borobia

Foto: Sabine Ojeil, disponível em Unsplash

[1] B. Álvaro del Portillo, *Una vida para Dios. Reflexiones, en torno a la figura de Josemaria Escrivá de Balaguer*, Rialp, Madri, 1992, pp. 163-164.

[2] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2573.

[3] Cfr. São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 301.

[4] Eugene Boylan, *Difficulties in Mental Prayer*, Roman Catholic Book, 1944, p. 81.

[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 295.

- [6] São Josemaria, *Caminho*, n. 90.
- [7] Cfr. São Josemaria, *Sulco*, n. 65.
- [8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2705.
- [9] São Josemaria, *Sulco*, n. 670.
- [10] São Josemaria, *Caminho*, n. 895.
- [11] São Josemaria, *Sulco*, n. 449.
- [12] *Catecismo da Igreja Católica*, n.2725.
- [13] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 20.
- [14] *Ibid.*, n. 253
- [15] *Ibid.*, n. 303.
- [16] *Ibid.*, n. 305.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (10): Jesus está muito perto

“Cada dia vejo mais claro *quão perto de mim Jesus está, em todos os momentos, poderia contar detalhes pequenos, mas constantes, que já nem me surpreendem, mas os agradeço e os espero constantemente*”[1]. A carta da bem-aventurada Guadalupe – que contém o fragmento anterior – deve ter dado uma grande alegria ao seu destinatário, São Josemaria Escrivá. Guadalupe estava no Opus Dei há apenas dois anos, mas essas linhas são um testemunho de como a vida de piedade que ela tinha empreendido tinha como objetivo precisamente facilitar uma contínua presença de Deus, para “fazer de nossa vida cotidiana uma contínua oração”[2].

A doutrina é evangélica. Jesus falou a seus discípulos de diferentes maneiras sobre “necessidade de orar sempre e de não desfalecer” (*Lc 18,1*). Em muitas ocasiões o vemos se dirigir ao seu Pai durante o dia, como diante do túmulo de Lázaro (cf. *Jo 11,41-42*) ou quando os apóstolos voltaram da sua primeira missão cheios de alegria (cf. *Mt 11,25-26*). Já ressuscitado, o Senhor se aproxima dos seus discípulos em circunstâncias muito variadas: quando partem cheios de tristeza, a caminho de Emaús; quando estão cheios de medo, no Cenáculo; quando voltam ao trabalho, no Mar da Galiléia... E mesmo nos momentos que antecedem o retorno a seu Pai, Jesus lhes assegurou: “Eu estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (*Mt 28,20*).

Os primeiros cristãos eram bem conscientes desta proximidade. Eles aprenderam a fazer tudo para a glória de Deus, como São Paulo escrevia aos romanos: “Se vivemos, vivemos para o Senhor; e se morremos, morremos para o Senhor; quer vivamos ou morramos, somos do Senhor” (*Rom 14,8-10*; cf. *1 Cor 10,31*). E quanto a nós? Num mundo tão acelerado como o nosso, tão cheio de coisas para fazer, de prazos, de trânsito e de ruído, é possível manter constantemente a nossa “conversação nos céus”[3]?

Pelo motivo adequado

Há conversas silenciosas, tais como a dos amigos que caminham juntos, ou a dos apaixonados que se olham nos olhos. Não precisam de palavras para compartilhar o que está em seus corações. Entretanto, não há conversa sem atenção à pessoa que está diante de nós. Os telefones celulares introduziram em nossas vidas o estranho fenômeno de falar com alguém, e ainda assim, pensar que talvez esta pessoa esteja prestando mais atenção a *outras conversas*...

O diálogo com Deus para o qual somos chamados tem a ver precisamente com essa atenção. Uma atenção que não é exclusiva, na medida em que podemos descobrir Deus em muitas circunstâncias e atividades que, aparentemente, têm pouco a ver com Ele. Algo semelhante acontecia com aqueles pedreiros que viam, atrás das pedras que estavam quebrando, coisas tão diferentes como a servidão do trabalho manual, o sustento da sua família ou o esplendor de uma catedral. Por

isso São Josemaria falava da necessidade de “exercer as virtudes teologais e cardeais no mundo, e assim se tornar almas contemplativas”[4]. Não se trata apenas de agir *de forma correta*, mas também de agir *pelo motivo adequado*, que neste caso é procurar, amar e servir a Deus. É precisamente isto que a presença do Espírito Santo em nossa alma, vivificando-a com as virtudes teologais torna possível. Assim, nas mil e uma escolhas de cada dia, podemos permanecer atentos a Deus e manter viva a nossa conversa com Ele.

Quando vamos trabalhar de manhã ou ao acordarmos para ir às aulas, quando levamos os filhos à escola ou quando atendemos um cliente podemos nos perguntar: *O que estou fazendo? O que me motiva a fazer isso bem?* A resposta que logo surgirá será mais ou menos profunda, mas, em todo caso, pode ser uma boa ocasião para acrescentar: *Obrigado, Senhor, por contar comigo. Gostaria de servir com esta atividade, e tornar presentes neste mundo a sua luz e a sua alegria.* Então, verdadeiramente, o nosso trabalho nascerá do amor, manifestará o amor e se orientará ao amor [5].

Olhar com os olhos de Deus

“Há tantos problemas que podem ser elencados, que devem ser resolvidos, mas nunca serão resolvidos se Deus não for colocado no centro, se Deus não se tornar de novo visível no mundo, se não se tornar determinante na nossa vida e se não entrar também através de nós de maneira determinante no mundo”[6]. Ser contemplativos no meio do mundo significa fazer com que Deus ocupe o centro da nossa existência, em torno do qual tudo gira. Em outras palavras, que ele seja o tesouro em que nosso coração sempre se fixa, porque qualquer outra coisa fora disso só nos interessa se nos unir a Ele (cf. Mt 6,21).

Desta forma, o nosso trabalho será oração, pois saberemos ver nele a tarefa que Deus nos confiou para cuidar e embelezar a sua criação, e para servir aos outros. A nossa vida familiar será oração, porque veremos em nosso cônjuge e em nossos filhos (ou em nossos pais) um dom que o próprio Deus nos concedeu para nos entregarmos a eles, lembrando-lhes sempre do seu valor infinito e ajudando-os a crescer. Afinal de contas, era isso mesmo que Jesus faria em Nazaré. Com que olhos ele veria o seu trabalho diário na oficina de José? Que significado esse trabalho diário teria para Ele? E as mil pequenas ocupações da vida doméstica? E tudo o que faria junto com seus vizinhos?

Olhar as coisas com os olhos da fé, descobrir o amor de Deus na nossa vida, não significa que as contrariedades não vão mais nos afetar: cansaço, contratemplos, uma dor de cabeça, decepções com outras pessoas... Não é que tudo isso vai desaparecer. O que acontece é que, se vivemos centrados em Deus, saberemos unir todas essas realidades à Cruz de Cristo, e assim adquirem sentido a serviço da redenção. Uma humilhação pode se tornar oração se servir para nos unir a Jesus e assim ser uma ocasião de purificação.

Podemos dizer a mesma coisa sobre uma doença ou fracasso profissional. Em tudo podemos encontrar Deus, que é o Senhor da História, e em tudo podemos ter a certeza de que Deus sempre abre possibilidades para o futuro, porque “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rom 8,28). Até um pequeno contratempo como um engarrafamento no caminho de casa pode ser

oração, se fizermos dele uma ocasião para colocar o nosso tempo nas mãos de Deus... e para interceder diante dele por aqueles que compartilham a nossa *sorte*.

Para atingir a contemplação na vida cotidiana, não devemos esperar o extraordinário. “Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra”[7]. O olhar de fé torna possível e converte, através da caridade, toda a nossa vida em uma conversa contínua com Deus. É um olhar que nos permite viver com profundo realismo, pois nos revela aquela *quarta dimensão* que é a do *quid divinum* (o algo divino) que existe em tudo o que é real.

A caldeira e a conexão

“Quando o homem está totalmente absorvido pelo seu mundo, pelas coisas materiais, com aquilo que pode fazer, com tudo o que é realizável e que lhe confere sucesso, com tudo o que pode produzir ou compreender por si, a sua capacidade de percepção em relação a Deus enfraquece-se, os sentidos dirigidos a Deus debilitam-se, tornam-se incapazes de compreender e sentir. Ele já não percebe o Divino, porque os sentidos correspondentes nele tornaram-se áridos, não se desenvolveram mais”[8]. O contrário também é verdade: podemos cultivar a capacidade de olhar a realidade com os olhos da fé. Fazemos isso, em primeiro lugar, quando pedimos essa luz, como os apóstolos: “Aumenta-nos a fé!” (Lc 17,5). E também quando fazemos algumas paradas, ao longo do dia, para colocar a nossa vida diante do Senhor. Portanto, ainda que deva ocupar o dia inteiro, “a vida de oração deve apoiar-se, além disso, em alguns minutos diários dedicados exclusivamente ao relacionamento com Deus”[9]. Em síntese, para ter a nossa atenção habitualmente fixa em Deus, necessitamos dedicar uns momentos de atenção exclusiva a Ele.

Em uma ocasião, São Josemaria explicou esta necessidade com o exemplo do aquecimento central de uma casa: “Se temos um aquecedor, significa que teremos aquecimento. Mas o ambiente somente se aquecerá se a caldeira estiver acesa. Dessa forma, necessitamos do aquecedor em cada momento e, além disso, a caldeira bem acesa. De acordo? A caldeira são os momentos de oração bem feitos. E, além disso, o aquecedor em cada instante, em cada cômodo, em cada lugar, em cada trabalho é a presença de Deus”[10]. Tão importante é a caldeira como os aquecedores. Para que o calor de Deus preencha todo o nosso dia, precisamos dedicar uns tempos a acender e alimentar o fogo do seu amor em nosso coração.

Outro exemplo bem gráfico é o a da conexão à internet. Frequentemente contemplamos os esforços que muita gente faz para achar um sinal quando viaja, passando um fim de semana no campo ou fazendo um passeio. Da mesma forma nos preocupamos de ativar o *wi-fi* no celular, com a esperança de que logo se conecte a uma rede conhecida. Bem, o fato de o telefone estar aberto para receber o sinal, não quer dizer que se conecte necessariamente a uma rede, ou que receba as mensagens. O sinal chega ao longo do dia, quando nos aproximamos desta ou daquela rede, e as mensagens entram quando alguém as envia. Nós fazemos a nossa parte, ativando nosso telefone e depois esperamos as mensagens chegarem.

De maneira parecida, nos momentos de oração *ativamos o wi-fi* da nossa alma. Dizemos a Deus: “Fala, Senhor, que teu servo te escuta” (1 Sam 3,9). Às vezes nos falará nesses momentos. Outras vezes reconheceremos a sua voz em mil detalhes do nosso dia. De qualquer forma, esses tempos de oração são uma boa ocasião para colocar em suas mãos tudo o que fizemos e o que vamos fazer, apesar de que talvez, na hora de atuar não tenhamos levantado os olhos a Deus. Além disso, ter dedicado um tempo exclusivo a Deus é a melhor manifestação de que, de fato, temos o desejo de ouvi-lo.

Agora, diversamente do que acontece com o telefone, abrir o coração não é algo que possamos dar por feito, que fazemos uma vez e fica assim para sempre: é preciso dispor-se diariamente a ouvir a Deus, porque “é no presente que nós O encontramos; não ontem nem amanhã, mas hoje: – ‘Quem dera ouvísseis hoje a sua voz; não endureçais os vossos corações’ (Sal 95, 7-8)”[11]. Se mantivermos este empenho cotidiano, Deus pode nos conceder uma maravilhosa facilidade para viver o nosso dia a dia em sua presença. Outras vezes será mais difícil. Mas, de qualquer forma, tiraremos força e esperança abundantes daqueles momentos para prosseguir com alegria em nossa luta cotidiana, no esforço diário de acender a caldeira e abrir a conexão.

Em tudo o que nos acontece

São conhecidas as palavras de São Josemaria na *homilia do campus*: “Meus filhos: aí onde estão nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, nosso trabalho, nossos amores — aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. Em meio das coisas mais materiais da terra é que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens”[12]. E acrescentava: “Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho”[13]. Nas mil atividades que preenchem a nossa jornada, Deus nos espera para manter conosco uma conversa encantadora e para realizar a sua missão no mundo. Mas, como podemos entender isso? Como viver dessa forma?

Deus nos espera todos os dias para conversar tranquilamente sobre o que ocupa a nossa vida, como um pai e uma mãe que escutam as longas histórias do filho pequeno. Uma criança conta o que aconteceu no colégio praticamente em tempo real. Parece que deseja explorar completamente a maravilhosa capacidade de lembrar e expressar o que viveu, contando os menores acontecimentos com todos os detalhes. E seus pais o escutam, e perguntam como aconteceu isso ou aquilo, o que seu amiguinho disse...

De modo parecido, Deus se interessa por tudo o que nos acontece, com a peculiaridade de que, ao contrário dos pais da terra, nunca se cansa de nos ouvir, nunca se acostuma a que falemos com Ele. Somos nós os que às vezes nos cansamos de dirigir-nos a Ele, de procurar a sua presença. No entanto, se mantivermos vivo esse desejo, “tudo – pessoas, coisas, tarefas – nos oferece a ocasião e o tema para uma conversa contínua com o Senhor”[14]. Tudo pode se converter em tema de conversa com Deus. Podemos compartilhar tudo, absolutamente tudo, com Ele.

Além disso, Deus nos espera em nosso trabalho para continuar realizando no mundo a obra da redenção, isto é, para continuar atraindo o mundo para Ele. Não se trata de sobrepor atividades piedosas aos nossos afazeres diários, mas de procurar conduzir a Deus todos os ambientes do nosso mundo: família, política, cultura, esporte... tudo. Para fazer isso, precisamos, em primeiro lugar, descobrir a sua presença em todos estes lugares. Trata-se, em suma, de ver o nosso trabalho como um dom de Deus, como uma maneira concreta de colocar em ação esse seu mandato de cuidar, de cultivar o mundo e de anunciar a boa nova de que Deus nos ama e nos oferece o seu amor. A partir desta descoberta, procuraremos que todas as nossas ações se convertam em um serviço aos outros, em um amor como o que Jesus nos mostra e nos entrega todos os dias na Santa Missa. Ao viver desta forma, unindo todas as nossas ações ao sacrifício de Cristo, realizamos plenamente a missão que o Senhor quis nos comunicar antes de retornar ao Pai (cfr. *Jo* 20,21).

Numa entrevista, pouco antes da beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri, perguntaram ao Prelado do Opus Dei – o Padre – qual era a *fórmula de santidade* daquela mulher. Resumiu a sua resposta em poucas palavras: “Santificar-se não é chegar ao fim da vida sendo perfeitos, como anjos, mas atingir a plenitude do amor. Como dizia São Josemaria, é a luta para transformar o trabalho, a vida cotidiana, em um encontro com Jesus Cristo e em um serviço aos outros”[15]. A fórmula da santidade se condensa, pois, em que tudo responda à mesma motivação, em que tudo tenha uma mesma meta: viver com Cristo no meio do mundo levando, com Ele, o mundo ao Pai. E isso é possível porque Jesus está muito perto.

Lucas Buch // Tradução: Mônica Diez

Foto: Gaelle Marcel – Unsplash

[1] Guadalupe Ortiz de Landázuri, Carta a São Josemaria, 1/04/1946 – em *Cartas para um santo*.

[2] São Josemaria, *Carta* 24/03/1930

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 300.

[4] São Josemaria, Carta 8/12/1949, n. 26.

[5] Cfr. São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 48.

[6] Bento XVI, *Homilia*, 7/11/2006.

[7] Francisco, ex. ap. *Gaudete et Exsultate*, n. 14.

[8] Bento XVI, *Homilia*, 7/11/2006. Nesta homilia, o Papa retoma um texto de São Gregório Magno.

[9] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 119.

[10] São Josemaria, Anotações de sua pregação, 28/09/1973.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2659.

[12] São Josemaria, *Entrevistas*, n. 113.

[13] *Ibid.*, n. 114.

[14] São Josemaria, *Carta 11/03/1940*, n. 15.

[15] Mons. Fernando Ocáriz, *Entrevista 13/05/2019*.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (11): Vocês são uma carta de Cristo

No final do ano 57, São Paulo escreve uma carta aos cristãos de Corinto. O apóstolo tem consciência de que naquela comunidade alguns não o conhecem, outros tinham-se deixado levar por falatórios que o desacreditavam, de modo que dedica grande parte do texto a expor as características que deve ter quem é portador do Evangelho de Jesus. Sabemos também que por aquela mesma razão, ele havia prometido visitá-los de novo em breve, mas até aquele momento não tinha podido fazê-lo. É neste contexto que encontramos uma das frases mais bonitas dos seus escritos. Paulo pergunta-se, de modo retórico, se precisa enviar alguma carta de recomendação para que a comunidade o conheça melhor, para conquistar novamente a sua estima. E responde, cheio de fé na ação divina nas pessoas, que a sua verdadeira carta de recomendação é o coração de cada um dos cristãos de Corinto; afirma que é o próprio Espírito Santo quem a escreve em suas almas, valendo-se do que São Paulo lhes tinha transmitido: “Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo” (2 Cor 3, 3).

Como nos transformamos nessa “carta de Cristo”? Como Deus faz para nos transformar pouco a pouco? “Mas todos nós temos o rosto descoberto, refletimos como num espelho a glória do Senhor, e nos vemos transformados nessa mesma imagem, sempre mais resplandecentes, pela ação do Espírito do Senhor” (2 Cor 3, 18). Estas palavras de São Paulo revelam o *método* do Espírito Santo em nós. Trata-se de tornar-nos *gloriosamente semelhantes* a Cristo de modo progressivo, contando com o tempo: é esta a dinâmica própria da vida espiritual.

Querer o mesmo que Jesus

Compreende-se muito bem que uma das maiores preocupações de Jesus fosse que a oração, sendo um meio privilegiado para cultivar o nosso relacionamento com Deus, não ficasse como um elemento isolado no meio das outras tarefas, com pouca força para transformar a vida. Por isso, Cristo para insistir nesta necessidade de unir oração com transformação da própria vida, disse no Sermão da Montanha: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome, e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres?’ E, no entanto, eu lhes direi: ‘Nunca vos conheci (...)’”. (Mt 7, 21-23). São palavras fortes. Não basta tê-lo seguido, nem sequer ter feito coisas grandes em nome de Jesus. Trata-se de algo mais profundo: saber conformar-se com a vontade de Deus.

Não nos é difícil entender essas palavras de nosso Senhor. Se a oração é caminho e expressão de um relacionamento de amizade, deve então seguir as características próprias de um amor desse tipo. Chega-se, entre os amigos, como recordam os clássicos, *aoidem velle, idem, nolle*, a querer o mesmo, a rejeitar o mesmo. A oração muda a nossa vida porque nos leva a sintonizar com os desejos do coração de Cristo, a vibrar com seu anseio de almas, a buscar com entusiasmo

agradar ao nosso Pai celestial. Se não fosse assim, se a oração não nos levasse a essa *gloriosa semelhança* de que falava São Paulo, sem perceber, nossa oração poderia transformar-se em algo semelhante a uma terapia de autoajuda, com a finalidade de manter em paz o nosso espírito ou de garantir um espaço de solidão. Nesse caso, embora se trate de objetivos que podem ser positivos, a oração não cumpriria sua função principal: abrir caminho para uma autêntica relação de amizade com Cristo, destinada a transformar a vida.

Este importante ensinamento de Jesus oferece uma pista para rever a *situação* da nossa oração. O critério já não será o sentimento ou o gosto espiritual que encontro nos meus tempos de oração; tampouco o número de propósitos que sou capaz de fazer; nem sequer o grau de concentração que eu alcancei. A oração, pelo contrário, poderá ser considerada à luz do grau de transformação que traz para minha vida, à luz da progressiva superação das incoerências que surgem entre as verdades em que acreditamos e aquilo que, em último termo, conseguimos viver.

Uma identificação que se realiza no tempo

O próprio São Paulo, que recebeu a graça de encontrar Jesus ressuscitado no caminho de Damasco, manifesta em outros textos como os primeiros cristãos tinham consciência de que a meta da oração era a identificação com Cristo. Assim, exortava os cristãos de Filipos a ter “os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus” (Fl 2, 5) e afirmava com simplicidade aos de Corinto “que temos o pensamento de Cristo” (1 Cor 2,16). Pois bem, ter os mesmos *sentimentos* e o mesmo *pensamento* do Filho de Deus é algo que não se pode conseguir somente como fruto do esforço pessoal ou da aplicação de técnicas de aprendizagem. Trata-se de algo que é consequência, sem dúvida, da própria luta para fazer o bem como Jesus o faria, mas dentro de uma experiência de comunhão, própria do amor de amizade; assim, mediante a graça, abrimo-nos a uma assimilação do que é próprio de Cristo.

Na medida em que é o efeito próprio de uma relação de amizade, a identificação com Cristo, fruto da oração, é progressiva, requer tempo. São Josemaria recordava, por isso, que Deus leva as almas como por um plano inclinado, trabalhando pouco a pouco em seu interior e suscitando desejos e dando forças para corresponder cada vez melhor ao seu amor: “Neste torneio de amor, não nos devem entristecer as nossas quedas, nem mesmo as quedas graves, se recorremos a Deus com dor e bom propósito, mediante o sacramento da Penitência. O cristão não é nenhum maníaco colecionador de uma folha de serviços imaculada. Jesus Cristo Nosso Senhor, tanto se comove com a inocência e a fidelidade de João como se enternece com o arrependimento de Pedro depois da queda. Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a si como por um plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco, dia após dia”^[1]. Saber que as próprias misérias – inclusive aquelas que mais nos humilham – não constituem obstáculo insuperável no amor a Deus e em nosso caminho de identificação completa com ele, enche-nos de esperança. E enche-nos também de admiração: como é possível que seja verdade esse grito – mais uma vez de São Paulo – que garante que nada “poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8, 39)?

A resposta, que só a oração permite perceber de modo completo, está na primazia da iniciativa divina: é Deus quem nos procura e nos atrai. O apóstolo João, já nos últimos anos de sua vida, recordava-o com emoção: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas sim em que Ele nos amou primeiro e enviou seu Filho como vítima de propiciação por nossos pecados” (1 Jo 4, 10). Fazer oração é, pois, tornar-nos consciente de estarmos em boas mãos e que o nosso amor – sempre imperfeito – é apenas correspondência ao amor de Deus que nos precede, nos acompanha e nos segue. A contemplação desse amor é o maior estímulo para percorrer o plano inclinado da identificação completa com Jesus Cristo.

Para crescer sempre no amor

Na vida cristã, a passagem do tempo está, normalmente, unida ao crescimento pessoal. A correspondência ao amor de Deus, pelo qual ansiamos na oração, costuma por isso manifestar-se em desejos de melhora, em vontade firme de afastar de nós o que nos afasta de Cristo. Daí que, talvez com relativa frequência, tenham nos ensinado a fazer *oração de exame*, pedindo luz para detectar o que não é próprio da nossa condição de filhos de Deus; aprendemos a formular propósitos concretos para – contando sempre com a ajuda da graça – aspirar a agradar ao Senhor, superando aspectos da nossa vida que nos afastam dele, ainda que pouco.

Sabemos muito bem que esse *exame* e esses *propósitos* não são um modo de querer conquistar as coisas por nossa conta, mas sim o modo verdadeiramente humano de amar: quem deseja agradar em tudo à pessoa amada esforça-se para alcançar a melhor versão de si mesmo. Sabendo que Deus nos ama como somos, desejamos amá-lo como ele merece. Por isso procuramos, com uma saudável tensão, lutar cada dia um pouco. Não queremos cair na tentação – tão fácil! – de justificar as nossas debilidades, esquecendo de que com sua morte e ressurreição Cristo nos obteve a graça suficiente para vencer nossos pecados[2].

Quando São Josemaria era um jovem sacerdote, muitos bispos lhe pediam que pregasse em retiros espirituais. Alguns o acusaram então de pregar “exercícios de vida e não de morte”[3]. Estavam habituados a que, em tais dias, se refletisse sobretudo no destino eterno de cada um e se surpreendiam que São Josemaria falasse também muito amplamente sobre como viver coerentemente a própria vocação. Isto deixa claro uma importante característica da missão do Opus Dei: ensinar *amaterializar a vida espiritual*, evitando que a oração se converta numa dimensão independente e isolada da vida das pessoas; ou, como diz São Josemaria, afastar-nos, “assim, da tentação, tão frequente nessa época e agora, de levar uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas”[4].

Embora em nossos tempos de oração nem sempre experimentemos sensivelmente o amor de Deus – algumas vezes sim – na realidade ele está ali sempre presente e operante. Se unirmos esse amor à luta no que o Senhor nos for indicando, a nossa vida – os nossos pensamentos, os nossos desejos, as nossas intenções, as nossas obras – transformar-se-á progressivamente. Chegaremos a ser para os outros, *Cristo que passa, ipse Christus*.

Amá-lo *no* próximo

Certa vez, um escriba perguntou a Jesus: “Mestre, qual é o principal mandamento da lei?” Sabemos muito bem sua resposta: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: amarás a teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22, 36-38). Assim, com poucas palavras, Jesus explicou para sempre a união do amor a Deus com o amor ao próximo. E trata-se de um ensinamento sobre o qual o Senhor quis continuar insistindo até os últimos instantes antes de subir definitivamente ao céu. Inclusive, quando tendo já ressuscitado, encontra-se com Pedro às margens do mar da Galileia, Jesus responde às promessas de amor de quem seria o primeiro Papa com um invariável: “Apascenta as minhas ovelhas” (cfr. Jo 21, 15-17).

O motivo último da união entre ambos os mandamentos e, portanto, da necessidade de aprender a amar a Cristo nos outros, é explicado pelo próprio Jesus com grande força na descrição que faz do juízo final. Deixa ali bem claro que a razão está na união profunda que Ele estabeleceu com cada homem: “Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber” (Mt 25, 35). Com efeito, como ensina o Concílio Vaticano II, “o Filho de Deus com sua encarnação uniu-se, de certa forma, com todo homem”[5]. É impossível amá-lo sem amar também o próximo, sem aprender a amá-lo também *no* próximo.

A oração, quando é autêntica, leva a preocupar-nos com os outros; com os que estão mais perto e com os que mais sofrem. Leva-nos a saber conviver com todos e a dar espaço em nosso coração também aos que não pensam como nós, procurando sempre o seu bem, com frequentes detalhes de serviço. É na oração que encontramos forças para perdoar e luzes para amar cada vez melhor e de modo mais concreto a todos, deixando o nosso egoísmo e comodidade, sem medo de complicar santamente a vida. Como nos recorda o Papa Francisco, “o melhor modo de discernir se nosso caminho de oração é autêntico será ver em que medida a nossa vida vai se transformando à luz da misericórdia”[6]. Adquirir um coração compassivo e misericordioso, como o de Jesus – imagem perfeita do coração do Pai – é o fruto último de nossa vida de oração, sinal certo da nossa identificação com Cristo.

Nicolás Álvarez de las Asturias

[1] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 75.

[2] cfr. São João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, nn. 102-103.

[3] Andrés Vázquez de Prada, *O fundador do Opus Dei*, vol. 2, pp. 605-615.

[4] São Josemaria, *Entrevistas*, n.114.

[5] Concílio Vaticano II, Const. Pastoral *Gaudium et spes*, n. 22.

[6] Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et exsultate*, n. 105.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (12): Almas de oração litúrgica

Estamos em abril de 1936 e na Espanha há muita tensão social. Na Academia DYA, no entanto, se procura manter o clima habitual de estudo e de convivência. Em meio àquelas estranhas jornadas, um residente conta a seus pais por carta que no dia anterior haviam ensaiado canto litúrgico, ajudados por um professor, em um ambiente que ele recordava ser muito alegre[1]. Nesse contexto particular, além dos bons momentos que passavam juntos, por que razão trinta universitários estavam tendo aulas de canto, num domingo à noite?

Podemos encontrar a resposta dois meses antes, quando São Josemaria incluiu no plano de formação da Academia precisamente algumas aulas de canto gregoriano. Embora saibamos que, como pároco em Perdiguera, São Josemaria costumasse celebrar missa cantada, tal inclusão não correspondia a uma inclinação pessoal. Também não era por um interesse erudito, consequência do conhecimento e desenvolvimento do Movimento litúrgico na Espanha. A decisão foi, antes, fruto da sua experiência pastoral, movida somente pelo desejo de ajudar aqueles jovens a se tornarem *almas de oração*.

É interessante observar um detalhe das três publicações que São Josemaria estava preparando naqueles anos trinta, destinadas precisamente a facilitar o diálogo com Deus: cada uma correspondia a uma das três grandes formas de expressão da oração cristã. A primeira seria centrada na meditação pessoal, outra fomentaria a devoção popular e a última animaria o leitor a mergulhar na oração litúrgica. O fruto da primeira iniciativa foi *Considerações espirituais*, base de sua conhecida obra *Caminho*; o fruto da segunda foi o breve livrinho *Santo Rosário*; e para a terceira iniciativa planejou uma obra que seria intitulada *Devoções litúrgicas*. Embora a publicação desta última obra estivesse anunciada para 1939, por várias razões nunca foi publicada. No entanto, ainda se conserva o prólogo que dom Félix Bilbao, bispo de Tortosa, havia preparado e que tem por título “Rezem e rezem bem!”. Nesse texto inédito os leitores são animados a penetrar, de mãos dadas com o autor do livro, na liturgia da Igreja, para chegar a uma “oração eficaz, frutuosa, sólida, que os una intimamente a Deus”[2].

Dar voz à oração da Igreja

Para São Josemaria, a liturgia não era um conjunto de preceitos destinados somente a prestar solenidade a certas cerimônias. Sofria quando o modo de celebrar os sacramentos e outras ações litúrgicas não estava verdadeiramente a serviço do encontro das pessoas com Deus e com os outros membros da Igreja. Certa vez, depois de assistir a uma celebração litúrgica, escreveu: “Muito clero: o arcebispo, o cabido de cônegos, os beneficiados, cantores, serventes e ajudantes... Magníficos paramentos: sedas, ouro, prata, pedras preciosas, rendas e veludos... Música, vozes, arte... E... sem povo! Cultos esplêndidos, sem povo”[3].

Este interesse pelo *povo* na liturgia é profundamente teológico. Nas ações

litúrgicas, há uma interação da Trindade com a Igreja inteira e não apenas com uma das suas partes. Não é casualidade que a maior parte das reflexões que São Josemaria dedicou à liturgia em *Caminho* se encontrem no capítulo intitulado *A Igreja*. Para o fundador do Opus Dei, a liturgia era o lugar privilegiado em que se experimenta a dimensão eclesial da oração cristã; nela é palpável o fato de que nos dirigimos todos juntos a Deus. A oração litúrgica, sendo sempre pessoal, abre-se a horizontes que vão além das circunstâncias individuais. Se na meditação pessoal somos nós o sujeito que fala, na liturgia o sujeito é a Igreja inteira. Se no diálogo a sós com Deus somos nós que falamos como membros da Igreja, na oração litúrgica é a Igreja que fala através de nós.

Deste modo, aprender a dizer *onós* das orações litúrgicas constitui uma grande escola para complementar as diferentes dimensões da nossa relação com Deus. Nela a pessoa se descobre como um filho mais nesta grande família que é a Igreja. Então, não surpreende a clara exortação de São Josemaria: “A tua oração deve ser litúrgica. – Oxalá te afeições a recitar os salmos e as orações do missal, em vez de orações privadas ou particulares”[4].

Aprender a rezar liturgicamente requer a humildade de receber de outros as palavras que diremos. Requer ainda o recolhimento do coração para identificar e apreciar as relações que nos unem a todos os cristãos. Pode servir-nos, neste sentido, a consideração de que estamos rezando unidos a quem está perto de nós nesse momento, e também aos ausentes; aos cristãos do próprio país, dos países vizinhos, do mundo inteiro... Rezamos também com os que nos precederam e estão se purificando ou já estão gozando da glória do céu. A oração litúrgica não é, de fato, uma fórmula anônima, mas está cheia de “rostos e de nomes”[5]; unimo-nos a todas às pessoas concretas que formam parte da nossa vida e que, como nós, vivem “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, participantes da vida da Trindade.

Dar corpo à oração da Igreja

Sabemos que, para São Josemaria, a santificação do trabalho não consistia principalmente em intercalar orações *durante* o trabalho, mas sim em converter em oração a própria ação que se realiza, mediante a atenção em realizá-la pela glória de Deus, empenhando-nos na perfeição humana, com a consciência de sermos olhados amorosamente pelo nosso Pai do céu. De modo análogo, a oração litúrgica não consiste principalmente em dizer orações *durante* as ações litúrgicas, e sim em realizar essas ações rituais *digne, attente ac devote*, com a dignidade, atenção e devoção que merecem, estando com a cabeça no que se está fazendo. Não se trata apenas de ocasiões para realizar atos individuais de fé, esperança e caridade, mas ações *através das quais* a Igreja inteira expressa a sua fé, esperança e caridade.

São Josemaria dava muita importância a este *saber estar* nos diferentes atos de culto, a esta *urbanidade da piedade*. A dignidade que a oração litúrgica requer tem muito a ver com o controle do próprio corpo, já que, de certa forma, é nele que se manifesta em primeiro lugar o que queremos fazer. A celebração da Santa Missa, o ato de confessar-se, as bênçãos com o Santíssimo, etc., envolvem diversos movimentos da pessoa, pois são oração em ação. A oração litúrgica, portanto, implica também rezar com o corpo. Mais ainda, implica aprender a dar corpo,

aqui e agora, à oração da Igreja. E ainda que, logicamente, seja o sacerdote quem tem a missão de dar voz e mãos a Cristo Cabeça, é a assembleia que dá voz e visibilidade a todo o Corpo Místico de Cristo. Saber que através de nós se vê e se escuta a oração dos santos e das almas do purgatório constitui um bom estímulo para cuidar essa *urbanidade da piedade*.

Além de dignidade, a oração litúrgica deve ser realizada com atenção. Nesse sentido, se poderia dizer que, além de concentrar-nos nas palavras que dizemos, é importante experimentar do modo mais profundo possível, o momento que estamos vivendo: perceber com quem estamos, por que e para quê. Esta constatação exige uma formação prévia, que sempre pode melhorar. Em palavras de São Josemaria: “Devagar. – Repara no que dizes, quem o diz e a quem. – Porque esse falar às pressas, sem lugar para a reflexão, é ruído, chacoalhar de latas. E te direi, com Santa Teresa, que a isso não chamo oração, por muito que mexas os lábios”^[6].

Encontro com cada Pessoa da Trindade

Apesar das inevitáveis distrações, devidas à nossa fragilidade, participamos da oração litúrgica no encontro misterioso, mas real, de toda a Igreja com as três pessoas da Trindade. É por isso enriquecedor aprender a distinguir quando nos dirigimos ao Pai, ao Filho ou ao Espírito Santo. A liturgia costuma situar-nos geralmente diante de Deus Pai, com seus traços próprios, embora seja frequentemente invocado com um simples “Deus” ou “Senhor”. Ele é a fonte e a origem de todas as bênçãos que a Trindade derrama sobre este mundo e que voltam a Ele através de seu Filho, e de todos os louvores que as criaturas são capazes de expressar.

Porque o que dizemos ao Pai, dizemo-lo *através* de Jesus, o qual não está tanto *diante de nós*, mas *conosco*. O Verbo encarnou-se para levar-nos ao Pai e, por isso, descobrir a sua presença ao nosso lado, como um irmão que conhece e não se envergonha da nossa fraqueza, enche-nos de consolo e de audácia. Além disso, a oração litúrgica, como oração pública da Igreja, nasce da oração de Jesus. Não é apenas continuação de sua oração enquanto estava na terra, mas é expressão, hoje e agora, da sua intercessão por nós no céu (cf. Hb 7, 25). Algumas vezes há também orações que se dirigem diretamente a Jesus, levando-nos a olhar para o Filho como salvador. Por estes motivos, a oração litúrgica é uma grande via para sintonizarmos com o coração sacerdotal de Jesus Cristo.

E a oração que se dirige ao Pai pelo Filho se realiza no Espírito Santo. Ter consciência da presença da terceira Pessoa da Trindade na oração litúrgica é um grande dom de Deus. O grande Desconhecido, como o chamava São Josemaria, passa despercebido externamente, como a luz ou o ar que respiramos. Sabemos, no entanto, que sem luz não veríamos nada e sem ar nos asfixiaríamos. O Espírito Santo opera de modo similar no diálogo litúrgico. Embora não nos dirijamos habitualmente a Ele, sabemos que habita em nós e que, com gemidos inenarráveis, move-nos a dirigir-nos ao Pai com as palavras que Jesus nos ensinou. Sua ação, portanto, manifesta-se indiretamente. Mais do que nas palavras que dizemos, ou a quem as dizemos, o Espírito se manifesta no como as dizemos: está presente nos gemidos que se fazem canto e nos silêncios que permitem que Deus trabalhe no interior do nosso ser.

Da mesma forma que a presença do vento se percebe pelos objetos que se movem, podemos entrever a presença do Espírito Santo quando experimentamos os efeitos da sua ação. Um primeiro efeito da sua ação é, por exemplo, ter consciência de estar rezando como filhos e filhas de Deus na Igreja.

Experimentamo-lo ainda quando ele se encarrega de que a Palavra de Deus ressoe em nosso interior, não como palavra humana, mas como Palavra do Pai dirigida a cada um. O Espírito Santo manifesta-se sobretudo na ternura e generosidade com o que o Pai e o Filho se dão a cada um quando na celebração litúrgica nos perdoam, nos iluminam, nos fortalecem ou nos presenteiam com um dom particular.

Finalmente, a ação do Espírito Santo é tão íntima e necessária que é Ele que torna possível que a ação litúrgica seja verdadeira *contemplação* da Trindade, é Ele que permite ver a Igreja inteira e o próprio Jesus, quando os sentidos nos dizem outra coisa. É o Espírito Santo que nos mostra que a alma da oração litúrgica não é o cumprimento formal de uma série de palavras ou movimentos exteriores, mas sim o amor com que sinceramente desejamos servir e deixar-nos servir. O Espírito Santo faz-nos participar do seu mistério pessoal quando aprendemos a saborear um Deus que se abaixa para nos servir, para que mais tarde possamos servir aos outros.

Eu vivi o Evangelho

Não é estranho que um dos termos mais usados na Escritura e na Tradição para se referir às ações litúrgicas seja *serviço*. Descobrir esta dimensão de serviço na oração litúrgica tem muitas consequências para a vida interior. Não só porque quem serve por amor não se coloca no centro, mas também porque ver a liturgia como serviço é chave para poder transformá-la em vida. Embora pareça paradoxal, em numerosas orações encontramos nos textos litúrgicos a exortação a *imitar* na vida cotidiana o que celebramos. Este convite não significa que devemos estender a linguagem litúrgica a nossas relações familiares e profissionais. Significa, pelo contrário, converter num *programa de vida* aquilo que o rito nos permitiu contemplar e viver[7]. Por isso, São Josemaria, mais de uma vez, ao contemplar a ação de Deus em sua jornada, exclamava: “verdadeiramente, eu vivi o Evangelho do dia”[8].

Para viver a liturgia do dia e transformar assim nosso dia em serviço, em uma *Missa de vinte e quatro horas*, é preciso contemplar as nossas circunstâncias pessoais à luz do que celebramos. Nesta tarefa, a meditação pessoal é insubstituível. São Josemaria costumava anotar as palavras ou expressões que o tocavam durante a celebração da Missa ou na recitação da Liturgia das Horas, a tal ponto que um dia escreveu: “Já não anotarei nenhum salmo, porque teria de anotá-los todos, uma vez que em todos não há senão maravilhas, que a alma vê quando Deus é servido”[9]. É verdade que a oração litúrgica é fonte de oração pessoal, mas é igualmente verdade que sem a meditação é muito difícil *assimilar pessoalmente* a riqueza da oração litúrgica.

No silêncio do encontro pessoal com Deus é que, normalmente, as fórmulas da oração litúrgica adquirem uma força íntima e pessoal. Nesse sentido, o exemplo de Maria é luminoso: ela nos ensina que, para pôr em prática o *fiat - faça-se* - da liturgia, para transformá-lo em serviço, é necessário dedicar tempo para

conservar pessoalmente “todas estas coisas no coração” (Lc 2,19).

Juan Rego

[1] Cf. “Um estudante na Residência DYA. Cartas de Emiliano Amann a sua família (1935-1936)” em *Studia et Documenta*, vol. 2, 2008, p. 343.

[2] Arquivo Geral da Prelazia, 77-5-3.

[3] Notas íntimas, n. 1590, 26/10/1938. Citado em *Caminho. Edição comentada, Quadrante, São Paulo*, 2016, p. 579.

[4] São Josemaria, *Caminho*, n. 86.

[5] Francisco, ex. ap. *Evangelii gaudium*, n. 274.

[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 85.

[7] Cf. São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 88.

[8] Caderno 4, n. 416, 26/11/1931. Citado em *Caminho. Edição comentada*, p. 239.

[9] Caderno 5, n. 681, 3/04/1932. Citado em *Caminho. Edição comentada*, p. 238.

[Voltar ao índice](#)

Conhecê-lo e conhecer-se (13): Não refletimos, olhamos!

Se pensarmos qual é hoje, do ponto de vista político e econômico, a terceira cidade mais importante do mundo... isso foi Antioquia durante os primeiros séculos, quando era a capital de uma província romana. Sabemos que o termo “cristãos”, para denominar os seguidores de Jesus, foi cunhado ali (cf. At 11,26). Seu terceiro bispo, santo Inácio de Antioquia, condenado à morte durante o governo de Trajano, foi levado por terra para a costa de Selêucia – hoje zona sul da Turquia – e depois transferido por mar a Roma. No caminho, pararam em vários portos. Em cada lugar, Inácio recebia cristãos da região e aproveitava a oportunidade para enviar cartas às comunidades de seguidores de Jesus: “Escrevo a todas as Igrejas e anuncio a todos que, de boa vontade, morro por Deus”[1].

Para o bispo santo Inácio, estava claro que as feras selvagens do Anfiteatro Flávio – agora Coliseu Romano – seriam seu fim aqui na terra, e pediu incessantemente orações para que tivesse valentia. Mas, várias vezes, em suas cartas, testemunhamos também a profundidade de sua alma, e o seu desejo de unir-se definitivamente a Deus: “não há mais em mim fogo para amar a matéria. Dentro de mim, há uma água viva, que murmura e diz: ‘Vem para o Pai’”[2].

Uma planta com a raiz no Céu

Aquele murmúrio interior de santo Inácio de Antioquia – Vem para o Pai! – que provavelmente movia a sua vida de piedade e a sua vida sacramental é, na realidade, um amadurecimento sobrenatural do desejo natural que todos temos de unir-nos a Deus. Já os filósofos gregos da Antiguidade tinham identificado no mais íntimo do nosso ser uma nostalgia pelo divino, uma saudade da nossa verdadeira pátria, “porque somos uma planta celeste e não terrena”[3]. Bento XVI, na primeira audiência da sua catequese sobre a oração, também quis olhar para trás, para o Antigo Egito, para a Mesopotâmia, para os filósofos e dramaturgos gregos ou escritores romanos. Todas as culturas foram um testemunho do desejo de Deus: “O homem *digital*, como o das cavernas, procura na experiência religiosa os caminhos para superar a sua finitude e para assegurar a sua precária aventura terrena (...). O homem tem em si uma sede de infinito, uma saudade de eternidade, uma busca de beleza, um desejo de amor, uma necessidade de luz e de verdade, que o impelem rumo ao Absoluto”[4].

Costuma-se dizer que um dos problemas mais comuns desta *precária aventura terrena* da nossa época é a fragmentação interior, inclusive, às vezes, produzida de maneira inconsciente: experimentamos oposições entre o que queremos e o que fazemos, vemos aspectos em nós que não se unem em harmonia, não construímos a narração da nossa vida como um elo de continuidade com nosso passado e nosso futuro, não vemos como podem se encaixar muitas ideias que fomos adquirindo ou sentimentos que experimentamos... Aqui e ali talvez multipliquemos versões de nós mesmos. Às vezes, nem sequer conseguimos dedicar a nossa atenção de maneira exclusiva a uma só tarefa. Em todos estes

âmbitos aspiramos a essa unidade que, ao que parece, não podemos *fabricar*, como tantas outras coisas.

“Não será porventura um ‘sinal dos tempos’ que se verifique hoje, não obstante os vastos processos de secularização, *uma generalizada exigência de espiritualidade*, que, em grande parte, se exprime precisamente numa *renovada carência de oração?*”[5], perguntava-se São João Paulo II no início de nosso milênio. Certamente já vimos que surgem muitas iniciativas presenciais e por internet, dirigidas a valorizar a nossa capacidade de silêncio exterior e interior, de escuta, de concentração, de harmonia entre nosso corpo e nosso espírito. Tudo isso pode, como é lógico, trazer-nos certo sossego natural. Mas a oração cristã nos oferece uma tranquilidade que não é somente um equilíbrio transitório, mas é fruto de uma percepção unitária da vida que surge dessa relação íntima com Deus. A oração cristã, ao ser um dom, desenvolve em nós uma visão nova da realidade que une tudo n’Ele. “É uma atitude interior, e não só uma série de práticas e fórmulas, um modo de ser diante de Deus, e não só o cumprir gestos de culto ou o pronunciar palavras”[6]. Como é lógico, essa *atitude interior*, este *modo de ser* diante do Senhor, não surge da noite para o dia, nem chega sem que nos preparemos adequadamente para que Deus possa concedê-la a nós: é dom, mas também tarefa.

Os olhos de uma alma que pensa na eternidade

Em determinado momento da homilia *Rumo à santidade*[7], pronunciada no fim de 1967, São Josemaria descreve brevemente o itinerário de uma vida de oração. Começa-se a rezar – diz-nos – “com orações vocais, simples, encantadoras, que aprendemos na infância”. Depois abrimo-nos à amizade com Jesus, onde aprendemos a nos refugiarmos em sua paixão, morte, ressurreição e queremos fazer nossa a sua doutrina. Depois “o coração necessita distinguir e adorar cada uma das Pessoas divinas”, até que isso, pouco a pouco, preenche o seu dia. E é então que o fundador do Opus Dei descreve a etapa que corresponde à vida contemplativa: chega o momento em que “mergulhamos ao longo do dia nesse caudal abundante e cristalino de águas frescas que saltam até a vida eterna. As palavras tornam-se supérfluas, porque a língua não consegue expressar-se; o entendimento se aquieta. Não refletimos, olhamos”[8]. Então, em algum ponto desse trajeto, podemos nos perguntar: que relação existe entre a oração e a vida eterna? Em que sentido a oração chega a ser um *olhar* em vez de estar composta por palavras?

Com a oração esperamos chegar a ver as coisas, aqui e agora, do modo como Deus as vê. Desejamos captar o que acontece à nossa volta com uma *simples intuição* que procede do amor[9]. Este é o seu maior fruto e, por isso, dizemos que nos transforma e não somente nos ajuda a mudar certas atitudes ou a superar certos defeitos. A oração cristã está dirigida, acima de tudo, a unir-nos com Deus, conformando assim, pouco a pouco, o nosso olhar com o olhar divino, começando já aqui na terra. De certa forma, procuramos curar nossos olhos com a sua luz. Esta relação de amor com Deus – que aprendemos e realizamos em Jesus – não é simplesmente algo que *fazemos*, mas algo que muda o que *somos*.

Esta transformação pessoal tem consequências em nossa maneira de interagir com a realidade, que podem inclusive ser muito práticas. Desenvolver em nós,

junto a Deus, este olhar sobrenatural, leva-nos, por exemplo, a extrair o bem que existe por trás de tudo o que foi criado, inclusive onde pensamos que Ele está ausente, porque nada foge do Seu plano amoroso, que sempre é mais forte. Levamos a valorizar, de uma maneira nova, a liberdade dos outros, a desprender-nos da tentação de decidir por eles, como se o destino de tudo dependesse de nossas ações. Também compreendemos melhor que o agir divino tem seus processos e seus tempos, que também não devemos nem podemos controlar. A oração contemplativa nos leva a não nos tornar obsessivos querendo solucionar problemas de maneira imediata, mas a estar melhor dispostos para descobrir a luz em tudo o que nos rodeia, também nas feridas e fraquezas do nosso mundo. Procurar ver com os olhos de Deus nos liberta de uma relação violenta com a realidade e com as pessoas, já que procuramos entrar em sintonia com Seu amor onipotente, mais do que ser obstáculo com as nossas intervenções desajeitadas. São Tomás de Aquino afirma que a “contemplação será perfeita na vida futura, quando vejamos Deus cara a cara (1 Cor 13,12), fazendo-nos perfeitamente felizes”[10]. O poder da oração está em podermos participar dessa visão de Deus já aqui na terra, ainda que sempre seja “como através de um espelho” (1Cor 13,12).

Em 1972, numa reunião em Portugal, alguém perguntou a São Josemaria como suportar cristãmente os problemas da vida diária. Entre outras coisas, o fundador do Opus Dei ressaltou que a vida de oração ajuda a olhar as coisas de maneira diferente de como o faríamos sem aquela união íntima com Deus: “Temos um critério de outro estilo: vemos as coisas com os olhos de uma alma que está pensando na eternidade e no amor de Deus, também eterno”[11]. Em outras circunstâncias, também disse que a maneira de ser felizes no céu tem muito a ver com a maneira de ser felizes na terra[12]. Um teólogo bizantino do século XIV escreveu algo parecido: “já neste mundo presente é concedido aos santos não somente dispor-se e preparar-se para a vida eterna, em Cristo, mas desde agora viver e operar conforme ela”[13].

Quietude...Paz...Vida intensa

O Catecismo da Igreja Católica, quando começa a tratar da oração, surpreende-nos com uma pergunta que funciona como um permanente exame de consciência: “De onde falamos nós, ao rezar? Das alturas de nosso orgulho e vontade própria, ou das “profundezas” (Sl 130,1) de um coração humilde e contrito?”. E depois passa, imediatamente, a lembrar-nos do pressuposto básico para orar: “A *humildade* é o fundamento da oração”[14]. De fato, aquele *olhar de eternidade* que a oração contemplativa gera em nós, somente pode crescer no terreno fértil da humildade, em um clima de abertura às soluções de Deus, em lugar das receitas que são unicamente nossas. Às vezes uma excessiva confiança na nossa inteligência e nos nossos planos pode fazer que, na prática, cheguemos a viver quase como se Deus não existisse. Precisamos sempre de uma nova humildade diante da realidade, diante das pessoas, diante da história, que seja uma terra fecunda para as ações de Deus. O Papa Francisco, durante sua catequese sobre a oração, reparava na experiência do Rei Davi: “O mundo que se apresenta aos seus olhos não é uma cena silenciosa: o seu olhar capta, por detrás do desenrolar dos acontecimentos, um mistério maior. A oração nasce precisamente dali: da convicção de que a vida não é algo que passa por nós, mas um mistério surpreendente”[15].

Então, a partir desse olhar que nos oferece a contemplação no meio do mundo, saciaremos, na medida do possível, os nossos desejos de unidade: com Deus, com os outros, dentro de nós mesmos. Vamos nos surpreender trabalhando infatigavelmente pelo bem das outras pessoas e da Igreja, ao ver que nossos talentos florescem “como a árvore plantada na margem das águas correntes: dá fruto na época própria” (*Sal*, 1,3). Saborearemos um pouco daquela harmonia à que estamos destinados. Desfrutaremos daquele sossego que não encontramos de nenhuma outra maneira. “Galopar, galopar!... Fazer, fazer!... Febre, loucura de mexer-se... (...) É que trabalham com vistas àquele momento; ‘estão’ sempre ‘em presente’. – Tu... hás de ver as coisas com olhos de eternidade, ‘tendo em presente’ o final e o passado...Quietude. – Paz. – Vida intensa dentro de ti”[16].

Andrés Cárdenas Matute

Tradução: Mônica Diez

[1] Santo Inácio de Antioquia, Cartas aos Romanos, nº 4.

[2] Santo Inácio de Antioquia, Cartas aos Romanos, nº 7.

[3] Platão, Timeu, 90 a.

[4] Bento XVI, Audiência, 11-5-2011.

[5] São João Paulo II, carta apostólica Novo Millennio Ineunte, nº 33.

[6] Bento XVI, Audiência, 11-5-2011.

[7] Cf. São Josemaria, Amigos de Deus, nº 306.

[8] São Josemaria, Amigos de Deus, nº 307.

[9] É a concepção tomista da contemplação como “simplex intuitus veritatis ex caritate procedens”.

[10] São Tomás de Aquino, Suma Teológica, II-II, c.180, a.4.

[11] São Josemaria, anotações de uma reunião familiar, 4/11/1972.

[12] Cf. São Josemaria, Forja, nº 1005.

[13] Nicolau Cabasilas, A vida em Cristo.

[14] Catecismo da Igreja Católica, nº 2559.

[15] Francisco, Audiência, 24-6-2020.

[16] São Josemaria, Caminho, nº 837.

[Voltar ao índice](#)

© Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei

www.opusdei.org